

ANO 4/Nº 15 / ABRIL E MAIO DE 2013

pense!

REVISTA DO PROGRAMA DE
ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA

ENTREVISTA
Catalina Pagés 6

CADEIRAS NA CALÇADA
Bookcrossing 18

MEIO AMBIENTE
Retratos da seca 30

A literatura e seus clássicos

Favoritos dos adultos
e inspiração para
os jovens, os livros
consagrados fazem
parte da cultura
mundial

EDITORIAL

Literatura foi o tema escolhido para essa edição especial da Pense! que você tem em mãos. Nesta 15ª edição, após cinco anos de trabalho em parceria com o professor, escolhemos o tema central desta publicação para não somente servir como orientação ou base do que pautamos e escrevemos, mas para ser o mote principal das seções da revista. Vocês verão nas páginas a seguir que a literatura e muitas de suas nuances serão contempladas desde as formas mais preliminares, como de onde surgiu o livro, até questões mais aprofundadas, como os clássicos.

Falando neles, a matéria principal tem como foco desvendar o surgimento desses gigantes da literatura e, obviamente, incentivar você, professor, a conhecer mais esse universo tão vasto e que pode trazer um embasamento extremamente benéfico para a sua formação enquanto leitor. Para além dos autores estrangeiros, sem esquecer os nossos conterrâneos, elaboramos uma lista com dez dos principais livros da literatura cearense: obras fundamentais que nos proporcionam conhecer mais o nosso Estado.

Dando continuidade, fomos tão a fundo nessa estratégia de tematizar a literatura que até na seção “Meio Ambiente” você encontra um conteúdo especializado, sobre os livros que tematizaram a seca. Em obras como “Os Serões”, de Euclides da Cunha, e “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, podemos conhecer um pouco mais as condições físicas e geográficas desse tipo de bioma árido.

Na seção “Missão Possível”, o foco é o projeto Círculos de Leitura, uma iniciativa que vem dando certo desde São Paulo e chegou recentemente ao Ceará, em parceria com a Secretaria da Educação do Estado. Aproveitando o ensejo, entrevistamos também Catalina Pagés, a idealizadora do projeto e grande incentivadora dos grupos de leitura entre jovens no País. Iniciativas assim merecem ser apoiadas e ressaltadas por nós.

Nosso objetivo com esta edição é continuar, ainda com mais afinco, promovendo momentos de aproximação entre você e a literatura, em diversos níveis, em sua forma mais plural e ampla. Esperamos sinceramente que gostem. Boa leitura!

EXPEDIENTE

GOVERNADOR
Cid Ferreira Gomes

VICE-GOVERNADOR
Domingos Gomes de Aguiar Filho

SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO
Maria Izolda Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO ADJUNTO
Maurício Holanda Maia

CONSELHO EDITORIAL
Rui Rodrigues Aguiar (UNICEF), Cristiane Holanda, Fabiana Skeff, Lucidalva Pereira Bacelar; Márcia Oliveira Cavalcante Campos, Maria Amélia Prudente Pinheiro, Mauricio Holanda Maia.

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Maria Amélia Bernardes Mamede

EDIÇÃO
Anna Cavalcanti e Sarah Kubrusly

SUPERVISÃO PEDAGÓGICA
Sarah Kubrusly

TEXTOS
Ana Carla Calvet, Anna Cavalcanti, Giuliano Villa Nova, Juliana Diógenes e Sarah Kubrusly

REVISÃO
Giuliano Villa Nova e Marta Maria Braide Lima

FOTOGRAFIAS
Morguefile e Wikicommons.
Capa: Morguefile

ILUSTRAÇÕES
Carlus Campos

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO
Carol Gouveia e Pedro Marques

FALE CONOSCO
revistapensece@gmail.com

Os textos publicados na revista são de inteira responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, o posicionamento da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.
Tiragem: 25.000 exemplares

Sumário

Pedagogia		Missão Possível Círculos de Leitura Projeto ganha vida no Ceará	14
Ciência		Papo Saúde Contação de histórias Benefícios a crianças e adultos	38
Cultura		Asas da Palavra Lira Neto Jornalista e escritor	36
Pedagogia		Plano de Aula Cantinho da leitura Um espaço para o pequeno leitor	16
Cultura		Viver para Contar Mestre da Cultura Dona Zilda	22
Materia Principal		Matéria Principal Clássicos da literatura Uma leitura atemporal	24
E ainda			
04	Prova dos Nove	30	Meio Ambiente
05	PAIC em Dia	32	Mãos à Arte
06	Bonito de se Ver	34	Mundo Virtual
08	No Ceará é Assim	35	De Onde Vem
09	Você Sabia	40	Educação no Tempo
10	Entrevista	42	Sala dos Professores
13	Filosofando com Arte	44	Nossa Terra
18	Cadeiras na Calçada	45	O Ceará Conhece
20	Não é bem Assim	46	Pense! Indica
28	Panorama	47	Diversão



Qual a sua dúvida?

Na minha sala de aula, tenho algumas revistas e jornais para fazer atividades artísticas. Na maioria das vezes, eles ficam guardados em um armário para serem utilizados somente na hora das atividades. Será que eu deveria expor essas revistas e jornais para as crianças perceberem a escrita em outros materiais fora os livros?

(Adriana – Barbalha)

Compreendemos que revistas, jornais, gibis e outros materiais dessa natureza são ótimos para fazer trabalhos artísticos e atividades grafomotoras em sala. Também, no entanto, podem ser utilizados para ajudar a suscitar nas crianças novas percepções acerca das palavras e portadores de texto. Sugerimos que se retire do armário exemplares mais recentes e os apresentem às crianças em algum momento da aula, numa roda de conversa. Em seguida, pode-se fazer leitura de alguma manchete e/ou comentários sobre alguma imagem e fazer sua relação com o texto que a sucede. Depois, as crianças devem ser indagadas sobre suas diferenças em relação aos textos e à estrutura dos livros. Essa percepção pode demorar algum tempo para ser observada nas crianças e esses momentos devem ser repetidos várias vezes, suas etapas desmembradas de acordo com a necessidade da turma e as indagações devem variar, bem como atender a diferentes níveis de compreensão.

Conto histórias em sala frequentemente, porém, em alguns momentos os alunos não querem ouvir, mas querem ler as obras sozinhos. Como faço para conduzir essas situações?

(Regina – Itarema)

A contação de histórias é essencial para as crianças. No entanto, quando a criança busca um livro de maneira individual também está demonstrando e formando suas preferências literárias, bem como refletindo sobre diversos elementos com que se depara. Logo esses momentos em que a criança busca o livro e o

folheia, deixando sua imaginação fluir, encantando-se com imagens, percebendo palavras com que já se deparou anteriormente, relembrando as histórias e comentando suas impressões com os amigos de maneira independente, também devem acontecer com frequência. O ideal é que se planeje e se estipule e combine com os alunos momentos diferenciados: o de contar histórias e o de ler. **PI**

*Respostas dadas por Sarah Kubrusly, supervisora pedagógica da Pense!

ENVIE SUA PERGUNTA

revistapensece@gmail.com

O PAIC vai aos municípios

Além dos encontros para formações, que acontecem periodicamente desde a criação do PAIC, estão sendo realizados durante os meses de março e abril os Encontros Macrorregionais, momento em que a Seduc, por meio da Coordenaria de Cooperação com os Municípios (Copem), vai diretamente aos municípios. Nos Encontros, coordenadores das Credes, gerentes municipais e técnicos da Copem se reúnem com o objetivo inicial de realizar uma avaliação sobre a situação de cada município, lembrando as atividades do ano de 2012 para que sejam realizadas novas metas para o ano que chegou.

A ideia de ser feita essa avaliação inicial é “para que os novos agentes que se incorporaram agora ao processo tenham essa oportunidade de contextualização, de saber onde o município conseguiu chegar, qual a evolução dele em 2012”, afirma Lucidalva Bacelar, Coordenadora do PAIC. Repactuar os objetivos é fundamental para que a nova gestão deste ano atue ainda com mais afinco e consciência das metas

de aprendizagem e de frequência, por exemplo. Elevar o Índice de Desenvolvimento Básico (Ideb) para 6, alfabetizar todas as crianças até os 7 anos e incentivar a leitura de pelo menos cinco livros de literatura infantil são metas basais do PAIC e, conforme Lucidalva, “são metas que dizem respeito a todos os eixos, que a gente procura repactuar nesse momento com os secretários e os representantes de todos os municípios”, afirma.

Outro objetivo do Encontro é reaver e esclarecer questões com relação ao desenvolvimento de Programas e Projetos Federais. Dentro dessa pauta, serão dadas orientações a respeito do Prêmio Escola Nota 10, que tem como foco principal estimular e valorizar o desenvolvimento da educação nas escolas públicas do Ceará. Confira no quadro abaixo alguns detalhes importantes sobre o Prêmio e, quem sabe, inscreva sua escola. **PI**

A QUEM SE DESTINA O PRÊMIO?

Destinado a premiar até 150 escolas públicas com melhor resultado no índice de desempenho escolar do 2º ano do Ensino Fundamental (IDE-Alfa) no intervalo entre 8,5 a 10; e as escolas públicas do 5º ano do Ensino Fundamental (IDE-5) no intervalo entre 7,5 a 10.

CONDIÇÕES PARA A ESCOLA SER PREMIADA

Ter no momento da avaliação de alfabetização do SPAECE pelo menos 20 alunos matriculados no 2º ano ou 5º ano do Ensino Fundamental regular;

Ter obtido média de Índice de Desempenho Escolar - Alfabetização (IDE-Alfa) situada no intervalo entre 8,5 e 10,0, para 2º ano. Ter obtido média de Índice de Desempenho Escolar entre 7,5 e 10 para o 5º ano;

Ter no mínimo 90% de alunos matriculados no 2º ano e/ou 5º ano do Ensino Fundamental avaliados pelo SPAECE;

O município deverá ter 70% dos alunos do 2º e 5º anos no nível desejável das escalas do SPAECE.



CHICO GADELHA

Música é para a vida

Estudos e vivências apoiam a formação de jovens músicos cearenses

O projeto “Música é Para a Vida”, idealizado pela Sociedade Cearense de Jornalismo Científico e Cultural, com o patrocínio da Secretaria da Educação do Estado do Ceará, em parceria com o Festival Jazz & Blues, e apoio das Universidades Estadual e Federal do Ceará tem como foco principal trazer aos jovens cearenses a possibilidade de inserção no âmbito da música, conciliando formação artística, inclusão social e protagonismo juvenil ao desenvolver a aptidão e sensibilidade musical. Durante cerca de dois meses, adolescentes de escolas das 21

Coordenadorias Regionais de Desenvolvimento da Educação do Estado (Credes) fazem parte de um processo que engloba três etapas: oficinas de sensibilização, residências artísticas e apresentações ao público.

No primeiro momento, durante dois finais de semana de janeiro, são realizadas nas Credes as Oficinas de Sensibilização para a Cultura Musical, que buscam atender de forma mais ampla a rede pública de ensino. Nessa etapa, as oficinas acontecem com o intuito de proporcionar a apreciação e a inclusão da música no ambiente escolar, compartilhando com os alunos e educadores os princípios básicos do ensino musical. Na primeira fase, o projeto busca abranger um número mais extenso de alunos – contando, ao todo, 400 estudantes e 200 arte-educado-

res – para uma ressignificação do que é a música, uma vez que são limitados os acessos desses jovens à complexidade da produção musical contemporânea. Muitos são exclusivamente bombardeados pela oferta da indústria fonográfica e suas músicas de fácil assimilação. Em síntese, essa primeira etapa busca sensibilizar a percepção para uma música que está distante do cotidiano desses alunos, de forma que possam fazer escolhas através do conhecimento de novas possibilidades de fruição musical.

Em seguida, das 600 pessoas que participaram das oficinas, 120 serão selecionadas e seguirão para Pacoti, onde terão uma vivência mais próxima com o universo da música através das residências artísticas, momento de imersão e convivência intensa. Lá, os alunos participam

QUEM JÁ FEZ PARTE E APROVOU

Foi muito gratificante, uma grande oportunidade de ter tido aulas com ótimos professores e grandes músicos, podendo ampliar minhas experiências com a música e incentivando a vivência com a mesma. Lucas Gurgel (Fortaleza)

Foi uma experiência inesquecível onde pude aprender coisas novas com professores totalmente capacitados e trocar conhecimentos com os outros participantes. As aulas que são oferecidas pelo Festival, como a de improvisação, são essenciais na vida de um músico que quer crescer mais na área. Acredito que todas as pessoas que participaram do momento levarão um conhecimento grandioso e que será bem aproveitado por todos. Rayanny Máira (Pacajus)

de aulas, ensaios e apresentações, em um método diferente das formações tradicionais, que mostra-se completo e eficiente, sendo sempre coordenado por importantes nomes da música local, como Heriberto Porto e Gerardo Viana. Durante a manhã e a tarde, os alunos recebem aulas de prática e teoria musical; no turno da noite, ensaiam e apresentam-se no ginásio de Pacoti.

O projeto alcança o auge



da sua projeção na terceira etapa, quando ocorrem as apresentações no palco do Festival Jazz & Blues, durante os quatro dias de carnaval. Ao pôr-do-sol, os alunos, após intensa imersão musical, apresentam-se no “Toca Jazz”, momento especial do evento dedicado ao “Música é Para a Vida”, com o propósito de dar visibilidade ao trabalho dos jovens e estimulá-los a manter o contato com a música. Os jovens músicos são aplaudidos de pé devido ao trabalho de qualidade. Assistem a todos os shows e, assim, têm acesso a músicos do mundo inteiro ampliando o acervo cultural deles, o que reflete na produção futura e os incentiva a continuar aprendendo. Durante o ano, o projeto alimenta o intercâmbio por meio das redes sociais, como Twitter e Facebook.

Para Cristiane Holanda, assessora institucional da Seduc, o projeto “já está sendo um divisor de águas. Os alunos têm um

caminho da vida deles antes e depois do ‘Música é Para a Vida’. A primeira coisa é um descortinar de possibilidades e um enriquecimento cultural belíssimo”, afirma. “O Governo do Estado firmou essa parceria por acreditar no potencial dos nossos alunos e por acreditar também que todo sonho merece ser vivido, então nos responsabilizamos por todo o investimento no projeto, tanto na primeira fase quanto na segunda”, esclarece Gilvana Linhares, coordenadora de aperfeiçoamento pedagógico da Seduc.

A competência musical adquirida por meio dessa experiência de aliar o caráter pedagógico do ensino da música, durante as residências artísticas, à esfera da fruição, da participação, como artistas em cima de um palco e tendo um público aplaudindo e reconhecendo esses estudantes como músicos, é o grande diferencial do projeto “Música é Para a Vida”. **PI**

Poesia popular no Nordeste

Cordel preserva as manifestações culturais da nossa região

Bastante visto em feiras regionais, bancas de revista e eventos literários, o cordel é um meio de comunicação importado das regiões europeias. Ao chegar às terras brasileiras, ganhou características que o diferenciaram, como o uso da xilogravura e as temáticas folclóricas e divertidas. Também denominado “folheto” em algumas regiões do Brasil, esse tipo de literatura, em países como Portugal, é chamada de “cordel” – nome recebido por causa do seu modo de ser vendido, pendurado em cordas. “Essa matriz chegou em toda a América Latina, que foi colonizada por Portugal e Espanha. Mas, no Brasil, a literatura popular se manifestou de uma maneira muito diferenciada. Como nossos antepassados não tinham fácil acesso a livros e revistas, o folheto assumiu o papel de difusor da cultura e da informação”, conta Klévisson Viana,

cordelista e diretor da Editora Tupyniquim.

Um dos nomes de grande destaque no incentivo à produção inicial de folhetos no nordeste é o de Leandro Gomes de Barros. Em Recife, no final do século XIX, ele fundou uma pequena gráfica para distribuir suas obras pela região, sendo considerado por Carlos Drummond de Andrade o rei da poesia do sertão e do Brasil. A partir daí, a publicação passou a ter destaque como meio de comunicação, principalmente no interior do nordeste brasileiro.

Contudo, na década de 1980, a literatura de cordel estava quase no anonimato, com vários exemplares extintos e poetas desvalorizados. Foi aí que o piauiense Guaipuan Vieira fundou o Centro Cultural dos Cordelistas do Nordeste (Cecordel), em Fortaleza. A partir disso, resgatou a arte, ao lado de outros profissionais do ramo, por meio de um suporte editorial e comercial aos artistas, com a publicação e a venda dos folhetos.

A oralidade está bem presente na cultura do cordel. É muito comum em nossa região



que os escritores cordelistas também atuem como repentistas e violeiros. O paraibano Mestre Azulão, por exemplo, um dos violeiros e cordelistas ainda atuantes de mais idade do Brasil, começou criando versos para o repente e hoje em dia tem mais de 300 folhetos publicados. É possível perceber que mesmo sendo uma cultura importada, ao ser incorporado pelos brasileiros, o cordel se transformou e acabou se tornando um registro bem expressivo da cultura nordestina, pois conta histórias reais e fantásticas sobre nossos heróis, anti-heróis e figuras do imaginário popular. **PI**



Certa vez, Gregório de Matos enviara uma bandeja de doces a uma família amiga. Tão agradecida ficou a família que não lhe devolveu a bandeja, que era de prata. O poeta não gostou do esquecimento e, na primeira oportunidade, encontrando-se com uma pessoa da família, perguntou-lhe com a quadrinha a seguir:

“As almas do outro mundo
Dizem que vão e não vem;
E a minha bandejinha
Será alma também?”

Que Carlos Drummond de Andrade deixou poemas inéditos com sua amante?

Drummond foi casado por 62 anos com Dolores Dutra de Moraes. Porém, durante 36 anos, Lygia Fernandes e Drummond namoraram. Conheceram-se, em 1951, no Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, onde trabalhavam. Eles se viam todos os dias, mesmo depois de o poeta se aposentar. Drummond fez várias poesias para ela e deixou, pelo menos, três livros de poemas inéditos, além de manuscritos de “Lição de Coisas” e “Boitempo”. Lygia morreu em 2003 e seus familiares recolheram o material, que permanece sem divulgação até os dias de hoje.



Guimarães Rosa foi um dos maiores nomes da literatura brasileira. Autor de obras clássicas, como “Grande Sertão: Veredas” e “Sagarana”, era fluente em diversos idiomas: inglês, francês, italiano, alemão, espanhol, esperanto e russo. Além disso, conseguia ler sueco, holandês, latim e grego. Conta-se que também tinha noções de árabe, sânscrito, polonês, húngaro e mandarim – a língua falada na China. Mas antes de adotar a literatura como profissão, Guimarães Rosa foi diplomata e também exerceu a medicina. Como médico, costumava atender seus pacientes em casa. **PI**

Curiosidades encontradas nos sites www.historiaecultura.pro.br; <http://lanarrativabreve.blogspot.com.br/p/curiosidades-literarias.html> e <http://educarparacrescer.abril.com.br>

Catalina Pagés

A entrevistada desta edição é Catalina Pagés, idealizadora e coordenadora do Projeto Círculos de leitura, por meio do qual um número significativo de estudantes da rede pública do País entra em contato com obras literárias (vide o texto da seção missão Possível, nesta edição). Mais do que conhecer enredos, os Círculos oportunizam a esses jovens estar em contato com patrimônios culturais da literatura e a dialogarem com diversos saberes e percepções outrora desconhecidos. O projeto ainda vai além quando se propõe a ensinar aos adolescentes a cultivar uma identidade coletiva e, assim, saber multiplicar conhecimentos. Nas próximas linhas, você vai conhecer mais informações a respeito dessa ação.

INSTITUTO FERNAND BRAUDEL



Pense!: Como foi pensado e articulado o projeto Círculos de Leitura?

Antes do projeto, eu já trabalhava como psicanalista. Durante esse período me dei conta de que muitos dos problemas dos meus clientes estavam ligados ao fato de centrarem-se muito em si, então pensei: “quem sabe se eu desenvolvesse um trabalho em que eu convidasse as pessoas para ler e falar, em grupo, não dos seus problemas, mas de “O Banquete” de Platão?” Ao pegar o livro, tomava-o como se fosse um sonho a ser decifrado. Era como se o escritor, ao tê-lo escrito, tivesse entrado em estado de devaneio criativo. A postura era interpretar o livro como se fosse um sonho em conjunto. Esse trabalho me dava muito prazer porque eu gosto muito da literatura, de filosofia, dos sonhos e da psicanálise. O livro, inclusive, leva à ideia de que o escritor fez uma conexão com outro tempo, porque, temos um tempo linear, mas também temos um diferente: aquele em que o artista se conecta por outra energia. E a ideia é que, quando se presta muita atenção e se lê uma vez e mais outras, pode-se entrar na mesma conexão que ele entrou. Tenho vários li-

vros que falam sobre isso que é a ideia das presenças reais. Ter uma presença real é quando alguma coisa acontece quando se presta muita atenção e repete a ação várias vezes. Isso dava muito certo como terapia. No entanto, coincidentemente, meu marido é o diretor do Instituto Braudel [criado em 1987, em São Paulo, por um grupo de economistas, empresários, lideranças públicas e jornalistas, buscando formas de superar os problemas institucionais que inibem o desenvolvimento humano na América latina] e estava fazendo um trabalho sobre a violência em Diadema. Ele se deu conta de como eram altos os índices de violência e de bullying, da grande falta de respeito, e como os jovens estavam muito perdidos. Ao mesmo tempo, ele percebeu como as escolas tinham fracassado em formar leitores. Os jovens não liam mais, a escrita era péssima, e alguns nem sabiam falar direito, usando muitas gírias. Ele me fez um desafio – desafio porque eu não sou professora – de ler com esses jovens. Então pensei, “meu Deus, não posso começar nas escolas com “O Banquete”, de Platão. Refleti e lembrei do livro “Fernão Capelo Gaivota”, que para alguém que, como eu, conhece filosofia, re-

conhece no livro frases que são puro Platão, mesmo não tendo nenhum citação do filósofo. Percebi que esse livro é muito prático, afinal, é um pouco como o que acontece nos colégios, além do fato de que os jovens se identificam muito com ele: em todas as escolas têm pessoas como Fernão, que são diferentes, e muitas vezes a instituição não sabe o que fazer com elas. Logo, é como se o nosso trabalho fosse descobrir esses Fernãos que eu encontro em cada colégio, ensinar o método, ler junto a eles e propiciar que eles façam outros grupos em outros colégios.

Pense!: O trabalho desenvolvido com as obras foi dividido em módulos. Como se dá sua construção?

Como já fazia esse trabalho no consultório e num manicômio, já sabia decoradas as histórias e também contá-las, sem módulos. No entanto, dei-me conta que o jovem que participa dos Círculos posteriormente tem de estar muito familiarizado com o enredo. Então, em algum momento depois da leitura da obra, ele pode ler o módulo, no qual aparecem leituras e perguntas que muitas vezes não tinham surgido e que possibilitam que



ele se surpreenda com coisas que não tinha pensado. Também orientam esses leitores para que percebam questões necessárias para a interpretação do livro.

Pense!: E quanto tempo dura o trabalho com cada livro/temática?

Dura três, quatro, seis encontros... Não pode nem ser muito rápido, nem muito lento. Algo que é muito importante: o método dos Círculos de Leitura respeita a ideia de um bom encontro, que é conhecer o que esses homens extraordinários (autores) pensaram. Dessa forma, os momentos devem estar voltados a conhecer o livro e não a história pessoal de cada jovem. Até porque, essa história ainda está se fazendo. Não queremos saber se o pai bebe ou se a mãe bate, porque acreditamos que as histórias alegres são mais fortes que as tristes e esses livros, todos eles, são patrimônio da humanidade. Em relação a isso há um tema que trabalho muito com eles que é sobre o momento em que se nasce: há o nascimento biológico e ainda aquele em que se torna filho do que se faz. Se seus pais não foram à escola ou à universidade, mas se você estuda, se você

se descobre, você pode ir e crescer. Muitas vezes, as coisas são difíceis porque, apesar de nem sempre falarem, alguns jovens têm certo desprezo pelos pais. Como se, no fundo, tivessem vergonha de serem pobres ou vergonha do seu passado, quando, na realidade, no momento em que está num grupo e lê Homero, é filho de Homero e, portanto, pode ser filho das ideias. As pessoas te respeitam por aquilo que você sabe. O conhecimento é que dá dignidade ao homem, e segurança. Se você sabe trabalhar e sabe como trabalhar, vão te empregar por isso e não porque você é filho de alguém.

Pense!: Por que trabalhar somente com os clássicos? Há momentos com outros livros?

Os clássicos têm sempre relação com os atuais, além de uma atemporalidade. Acredito que, conhecendo um pouco dessa literatura, eles podem ler qualquer coisa. Mas eu também adoro Clarice Lispector, Machado de Assis, Graciliano Ramos e outros. O próprio livro "Fernão Capelo Gaivota" é um contemporâneo. Vamos misturando. Mas, a ideia dos clássicos é forte porque tem alguma coisa que fica imune ao tempo. Trata-se de

livros que se pode ler 50 vezes e permanecem no tempo. E essa é uma coisa que eu queria mostrar pra eles, que o tempo, para algumas pessoas, não passa. São livros que, como a "Odisseia", por exemplo, ensinam sobre o comportamento humano, sobre os heróis.

Pense!: Observando um dos encontros, percebemos que uma tarefa dos Círculos é apresentar os heróis. Qual a finalidade dessa tarefa?

Sinto que nós somos seres influenciados. Freud diz que a criança quando brinca imita os adultos, e imita o tempo inteiro. Logo, sinto que é importante apresentar a eles homens extraordinários como modelos identificatórios, para que eles possam se espelhar. Porque a família é a primeira célula, mas eles precisam ir para o mundo. Apresentar os heróis e os homens extraordinários te torna extraordinário. E os heróis não estão só na literatura, pois pessoas que fazem o que gostam também são. Por exemplo, a cozinheira que gosta de ser cozinheira e faz seu trabalho com muita dignidade é a heroína da cozinha. Os jovens precisam conhecer os heróis dos clássicos, mas também os da vida cotidiana. **PI**



Corpoema



A poesia pode se dar em diversos tipos de expressão e, acredite, inclusive através do corpo

A poesia é uma manifestação da língua escrita, que pode abordar os mais diversos conteúdos, geralmente de maneira leve e envolvente. O próprio poeta Carlos Drummond de Andrade, ao expressar sua afeição pelo gênero, expõe a grandeza da poesia ao dizer: "Se eu gosto de poesia? Gosto de gente, bichos, plantas, lugares, chocolate, vinho, papos amenos, amizade, amor. Acho que a poesia está contida nisso tudo". Significa, portanto, escrever brincando com as palavras e conseguir encantar o leitor, contando coisas

simples ou sérias, o que permite a quem escreve ter a sensação de liberdade.

Muito se acredita na ligação da poesia com o corpo. Pesquisas da Universidade de Liverpool, na Inglaterra, por exemplo, divulgadas no último mês de janeiro, demonstraram que a leitura de clássicos da poesia, como os de Shakespeare, "é mais útil que os livros de autoajuda, já que afeta o lado direito do cérebro, onde são armazenadas as lembranças autobiográficas, e ajuda a refletir sobre eles e entendê-los desde outra perspectiva", segundo explicaram os especialistas ao jornal Folha de S. Paulo.

Na Bahia, é liderada pelo poeta contemporâneo Ivan Maia, uma manifestação que intenta conectar a poesia – com seus sons, criatividade, métrica, rima e possibilidade de múltiplos significados – com as expressões corporais, sejam elas a dança ou outros movimentos. Essa busca caracteriza o que se denomina corpoema. Isso demonstra que a leitura de poesia não é a única maneira de experimentar o contato valioso com esse gênero textual.

Para Ivan Maia, a poesia está presente na vida de todas as pessoas e, tudo o que ganha significado especial para um observador, pode se transformar no gênero. O contrário também é verdadeiro. Toda poesia pode ser percebida, sentida e expressada por movimentos. Esse é foco do que se chama corpoema.

Portanto, o poeta também defende manifestações a favor da valorização desse tipo de texto, que devem ultrapassar datas comemorativas.

No final, o corpoema acaba exaltando a importância de experiências lúdicas – entendendo-se aqui como aquelas que envolvem pensamento e ação conjuntamente – para o autoconehecimento, bem-estar e crescimento. **PI**



Círculos de Leitura

FOTO: ESTELA MAGALHÃES



A leitura compartilhada aproxima jovens e adultos do universo dos grandes clássicos da literatura mundial

Com a proposta de apoiar os jovens no desenvolvimento de sua identidade, cidadania e relacionamento com a comunidade, o Instituto Fernand Braudel de Economia Mundial adotou a proposta dos Círculos de Leitura, ativi-

dade que já era desenvolvida pela psicanalista Catalina Pagés em outras circunstâncias. Segundo informações oriundas do próprio site do projeto: "a leitura e debate em grupo criam um espaço para adolescentes que querem compar-

tilhar experiências e ampliar o universo de conhecimento através das palavras e do vínculo com o outro".

Entre os objetivos da ação, que percorre várias instituições escolares públicas de diferentes partes do País, podemos destacar os de reforçar a formação do caráter de alunos dessas escolas a partir da identificação com os clássicos da literatura mundial, preparando tais jovens para o convívio em sociedade pautado por valores éticos e morais; formar jovens lideranças capazes de multiplicar seu conhecimento e capacidade de reflexão junto aos colegas e à comunidade; e promover o hábito da leitura e desenvolver o gosto pela literatura clássica não apenas como atividade intelectual, mas também como produção cultural e artística.

O projeto, que começou em São Paulo, chegou ao Ceará em agosto de 2012, em convênio com a Secretaria de Educação do Estado do Ceará (Seduc) e já promove ações efetivas em 21 escolas de Educação Profissional. Em relação a seu desenvolvimento, Catalina, que acompanha o andamento dos Círculos em nosso estado e participa de grande número de reuniões, afirmou

Após oito meses realizando Círculos de Leitura em uma escola todos os sábados, me dei conta que a leitura daquela obra em grupo havia preparado os jovens

estar muito satisfeita com o empenho e a receptividade dos professores e jovens selecionados para serem os multiplicadores iniciais, bem como com o engajamento e apoio da Seduc.

O método de ler em voz alta e em conjunto é defendido por Catalina em artigo próprio onde afirma que "por meio da leitura em voz alta, a metodologia dos Círculos de Leitura resgata a tradição oral, dando voz ao autor. Como uma música, a sonoridade e o ritmo das palavras vão entrando pelos ouvidos, e a compreensão do texto acontece através das imagens que as palavras evocam. A inteligência de um texto passa pela emoção que consegue despertar em nós".

Seguindo essa linha, alunos das escolas profissionalizantes do Ceará vêm par-

ticipando de maneira intensa e cheios de disposição para multiplicar os Círculos de Leitura. É importante salientar que esses jovens não estão sozinhos. A Revista Pense! acompanhou um dos encontros, que aconteceu na praia do Presídio, e deparou-se com momentos muito agradáveis de conversas e trocas de conhecimentos literários entre professores, que, ao final de uma das rodas relataram a satisfação, o encanto com o projeto e o desejo enorme de difundi-lo em mais instituições e contagiar mais colegas e alunos.

Trata-se, portanto, de uma grandiosa oportunidade de levar os clássicos literários, com toda riqueza cultural que representam e carregam em si, como também possibilitar aos jovens amadurecerem e refletirem sobre novas e boas possibilidades de conduzirem suas vidas. Como afirmou Catalina: "nós formamos uma rede que quer que o jovem trabalhe, aprenda, mas também se comprometa com os outros". **P!**

SAIBA MAIS

www.circulosdeleitura.org.br



Espaço de diversão e concentração

Através do cantinho da leitura, professores e alunos ganham uma oportunidade de descontração e aprendizado

As salas de aula devem ser espaços onde encontramos diversos tipos de materiais educativos, que podem ser utilizados pelas crianças para poten-

cializar seu aprendizado. Entre esses materiais podemos mencionar, com destaque, os livros. É importante ressaltar a necessidade de incorporar aos espaços

escolares livros que não sejam somente didáticos (utilizados a partir do Ensino Fundamental), mas especialmente de literatura infantil. O professor deve observar se eles estão dispostos na sala de maneira organizada, ocupando um lugar fixo e ao alcance das mãos dos alunos.

Nesta edição, daremos uma sugestão de como organizar um cantinho da leitura – o nome fica a critério do professor –, para que seja familiar e frequentado pelas crianças. A proposta apresentada foi baseada em ideias de Anne-Marie Chartier, Christiane Clesse e Jean Hérbrard, no livro “Apre-

der a Ler e a Escrever: Entrando no Mundo da Escrita”.

Os cantinhos de leitura podem ser, da mesma forma que as bibliotecas, espaços onde as crianças são lançadas a horizontes alternativos e assistem ao surgimento de novas perguntas. Em geral, funcionam como “clubes”, onde um pequeno compartilha com outro fantasias, aventuras etc. Também podem ser locais onde as crianças, em silêncio e individualmente, ficam em contato com elas mesmas.

No entanto, os locais de leitura devem ser, segundo os autores mencionados, “antes de tudo espaços de transição prioritariamente destinados a ajudar as crianças menos acostumadas com os livros. Portanto, é pensando primeiro nelas que se deve concebê-los e utilizá-los, e não como um conveniente primeiro anexo das bibliotecas para aqueles que já são grandes consumidores de livros. Para essas crianças, encontrar-se diante de muitos livros não facilita a leitura, mas aumenta a indecisão, paralisa as escolhas e logo dá uma sensação de vertigem ou de desagradável estranheza”, recomendam.

Apresentação

Um aspecto que fará grande diferença na manei-

ra como as crianças vão lidar com os livros e com espaço em questão é a forma como o acervo será apresentado. Em vez de distribuir e apresentar todos os livros juntos, eles deverão aparecer progressivamente. Conforme os três estudiosos, “a cada manhã, no momento da chegada, a professora apresenta alguns livros à turma reunida em torno dela. Mostra ilustrações, faz perguntas, lê o título, algumas vezes o começo da história e para, fazendo suspense (‘o que pode acontecer com essa menina perdida?’). Em seguida, passa para o próximo livro. Depois de apresentar todos os livros do dia, o professor relembra seus títulos, estabelece um lugar no cantinho da leitura para guardá-los e pede que alguma das crianças faça isso”, orientam.

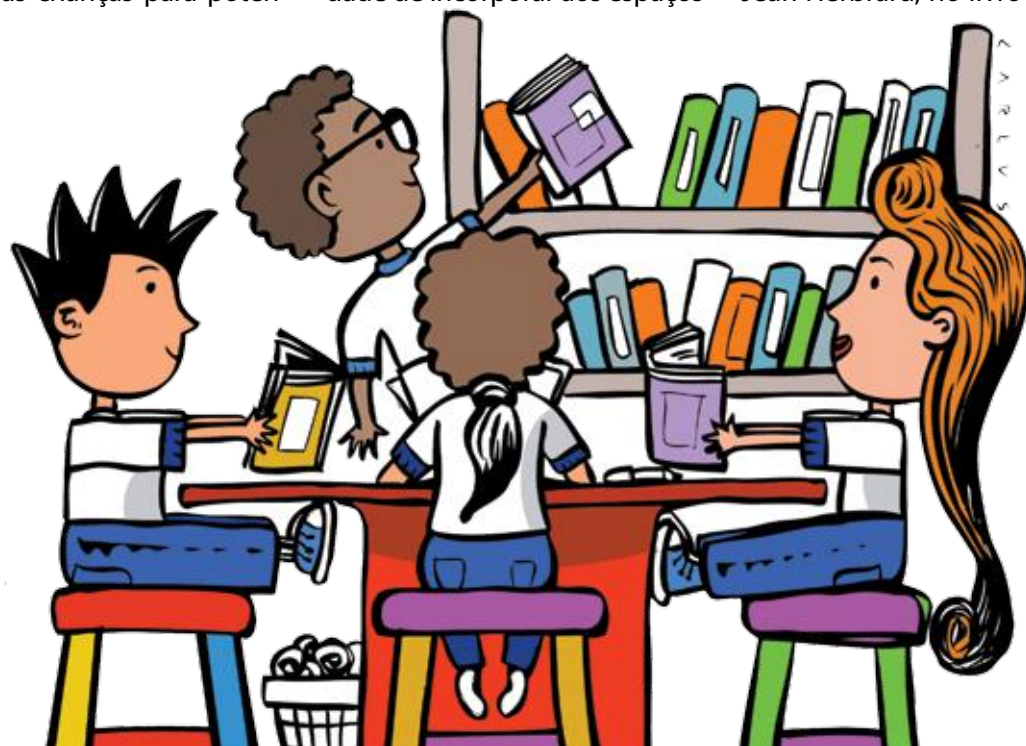
Dessa maneira, o professor colabora para que se crie “um ritual de surpresa” para a chegada dos exemplares e contribui para que as crianças conheçam sem dificuldades os livros disponíveis em sala de aula.

O próximo passo é classificar as obras. Nesse momento, as crianças podem escolher critérios diversos, que podem ser trabalhados pela professora. Feita a classificação e or-

ganização, a professora deve propor a identificação com etiquetas. Elas devem conter a escrita e um símbolo que a caracterize.

Depois disso chega o momento em que, segundo Anne Marie Chartier, “a professora (auxiliada por outras crianças) faz perguntas sobre os livros e seus lugares (‘quem é capaz de encontrar com uma olhada o grande livro sobre os barcos?’), sobre seus títulos (‘como se chama o livro que tem na capa uma menina vestida de vermelho com um ganso?’) ou sobre as histórias já vislumbradas (‘quem se lembra de um livro que conta uma história em que um pequeno urso anda sozinho na neve?’). A cada vez, uma criança que acha que sabe vai procurar o livro; verifica-se coletivamente a informação, aproveita-se para folheá-lo de novo, uma outra criança vai arrumá-lo e assim sucessivamente”, recomendam.

A sequência deve ser repetida várias vezes durante algum tempo, com o propósito de fazer com que as crianças que ainda não têm domínio sobre o acervo ampliem seus conhecimentos. Portanto, é necessário que o professor faça essa mediação com atenção e, claro, alegria. **PI**



Leia e passe adiante



Desde 2001, mais de seis milhões de pessoas no mundo inteiro já libertaram seus livros em espaços públicos

Você já imaginou uma biblioteca a céu aberto? E topor com um livro solitário, de capa dura e páginas amareladas, esperando para ser lido,

em cima de um banco de ônibus? Quem sabe achar um livro no elevador? Um movimento mundial pró-leitura pode proporcionar esses encontros

inesperados: o BookCrossing. Expressão inglesa usada para definir a ação de troca de livros anônima, bookcrossing significa, em tradução ao pé da letra, “cruzamento de livros”. Em síntese, é a prática de deixar um livro em um local para ser encontrado e lido por outro leitor, que por sua vez deverá fazer

o mesmo. E consiste em três mandamentos: ler, registrar e libertar.

Criado em 2001 pelo norte-americano Ron Hornbaker, a ideia surgiu quando o idealizador vasculhava endereços eletrônicos de rastreio de câmeras descartáveis perdidas no mundo. O primeiro passo foi o registro do domínio virtual: www.bookcrossing.com. Desde então, está presente em 132 países, com mais de 9,3 milhões de livros registrados e 1,3 milhão de membros. O Brasil tem mais de sete mil participantes.

O grupo é formado por amantes de livros do mundo inteiro (chamados de “bookcrossers”), que se divertem ao compartilhar cultura e conhecimento com outras pessoas. Antes de libertar um livro na rede, é preciso dar uma identidade. Para isso, os participantes cadastram seus livros no site oficial do movimento, onde criam etiquetas – cujos modelos constam no endereço eletrônico –, que contêm um número identificador único, chamado BCID (Bookcrossing Identification Number). E assim, os donos podem libertar as obras literárias em locais públicos ou doar em algum ponto fixo (o site informa a localiza-

ção dos pontos).

Quem encontrar o livro deve registrá-lo no website, usando o BCID. Assim, é possível acompanhar os trajetos dos mais de seis milhões de livros que fazem parte da rede e compartilhar a informação sobre a leitura do livro, além da experiência de lê-lo, por meio de resenhas, artigos, fóruns de discussão e críticas. Caso o leitor opte por deixar o livro em algum espaço público, pode libertá-lo em cafés, lojas, restaurantes, hotéis e escolas. Alguns lugares exigem uma conversinha sobre a proposta com o gerente ou proprietário do estabelecimento, e a orientação dos criadores do movimento é solicitar autorização prévia.

Para cadastrar um estabelecimento no site como ponto fixo de BookCrossing, crie um perfil de usuário no endereço eletrônico, registre e liberte livros regularmente. Envie também um e-mail para contato@bookcrossing.com.br com os seguintes dados: nome do estabelecimento; website; endereço completo (CEP, cidade e Estado); telefone; horário de funcionamento; ramo de atividade; fotos do bookcrossing no local; nome de usuário; e a data de início de funcionamento como ponto. **PI**

PASSO 1: LEIA

Registre seu livro gratuitamente e obtenha uma ID única do Bookcrossing (BCID).

Este BCID lhe permite seguir o livro onde quer que vá. Imagine-o como um passaporte, que permite seu livro viajar pelo mundo sem se perder. Existem diversas maneiras de etiquetar o seu livro:

Opção 1. Baixe as etiquetas do BookCrossing gratuitamente e imprima-as do seu computador.

Opção 2. Compre etiquetas das coleções disponíveis no site.

Opção 3. Crie etiquetas personalizadas com o Gerador de Etiquetas, usando sua própria imagem e mensagem.

PASSO 2: LIBERTE

Agora é hora de passá-lo adiante!

Você etiquetou seu livro, e ele está pronto para viajar o mundo. Existem algumas maneiras diferentes de libertar seu livro.

PASSO 3: SIGA

Veja em que lugar do mundo seu livro anda, e quem o lê!

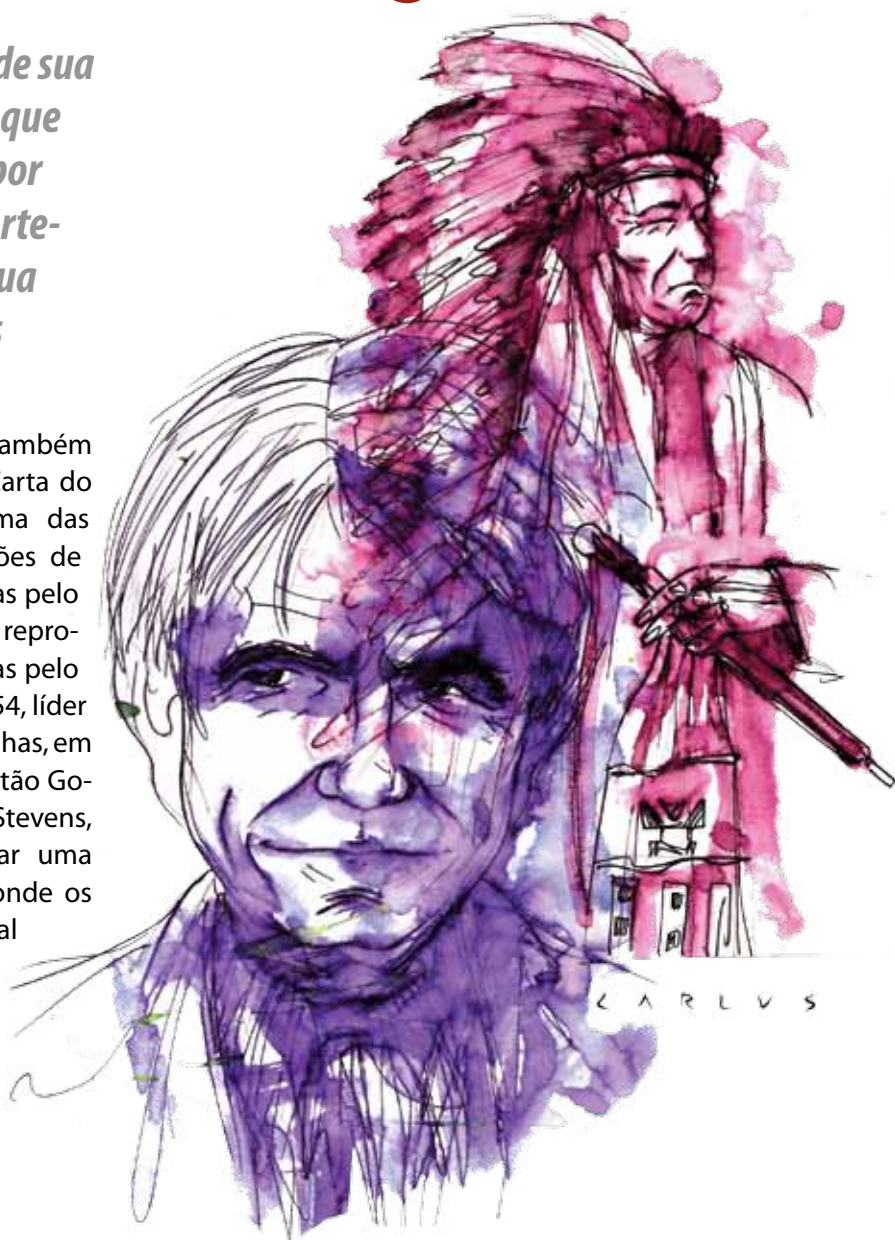
Após ter etiquetado e libertado seu livro, siga suas aventuras.

Quando outro leitor encontra o seu livro, ele pode introduzir o BCID no BookCrossing.com e informar que o livro foi capturado.

Declaração de amor à natureza ou bandeira ecológica?

Passados séculos de sua divulgação, carta que teria sido escrita por chefe indígena norte-americano continua causando dúvidas

A Carta da Terra, também conhecida como Carta do Cacique Seattle, é uma das mais bonitas declarações de amor à natureza já feitas pelo homem. O texto é uma reprodução das palavras ditas pelo Cacique Seattle, em 1854, líder dos índios peles-vermelhas, em resposta à oferta do então Governador Isaac Ingalls Stevens, que pretendia comprar uma grande área de terra onde os nativos viviam – no atual Estado de Washington. O discurso teria sido transformado em carta e enviado ao então Presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce.



Nas últimas décadas, as palavras atribuídas ao Cacique Seattle foram utilizadas por ambientalistas e ecologistas como elemento inspirador para suas causas, atraindo e mobilizando simpatizantes. No entanto, apesar de ser uma carta tocante, segundo pesquisas sua origem não foi tão poética.

Historiadores descobriram, em primeiro lugar, que o líder indígena jamais escreveu uma carta. Os índios peles-vermelhas não eram tão cultos a esse ponto. Outro detalhe é que o próprio texto tem diver-

sas versões – muitas delas espalhadas pela internet – o que por si só já levanta suspeitas sobre sua autenticidade. Outra evidência que coloca a carta em xeque é que análises linguísticas sugerem que a versão mais conhecida da carta não corresponde ao idioma inglês utilizado naquela época.

Recentemente, o texto teve sua origem finalmente decifrada: ele foi escrito pelo roteirista Ted Perry, para um filme ecológico de 1972 chamado "Home", com base num artigo publicado pelo jornal Seattle Sunday Star, em 1887.

Naquele texto, o redator Henry Smith publicou a tradução de um discurso que supostamente teria sido feito pelo Cacique Seattle à sua tribo.

De qualquer forma, desde que apareceram no filme "Home", as palavras do Chefe Seattle foram amplamente utilizadas em livros, na TV e em discursos. Mesmo que tenham um grande significado, é possível que o líder dos peles-vermelhas não ficasse nada satisfeito de ver suas palavras sendo utilizadas como "bandeira ecológica" de proporções mundiais. **P!**

TRECHOS DA CARTA POLÊMICA

"O grande chefe de Washington mandou dizer que desejava comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e benevolência. Isto é gentil de sua parte, pois sabemos que ele não precisa de nossa amizade.

Vamos, porém, pensar em sua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe de Washington pode confiar no que o Chefe Seattle diz com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano.

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia nos é estranha (...) Cada torrão desta terra é sagrado para meu povo (...).

Esta água brilhante que corre nos rios e regatos não é apenas água, mas sim o sangue de nossos ancestrais (...).

O ar é precioso para o homem vermelho, porque todas as criaturas respiram em comum – os animais, as árvores, o homem. O homem branco parece não perceber o ar que respira (...).

Assim pois, vamos considerar tua oferta para comprar nossa terra. Se decidirmos aceitar, farei uma condição: o homem branco deve tratar os animais desta terra como se fossem seus irmãos (...)

O que é o homem sem os animais? (...) Tudo quanto acontece aos animais, logo acontece ao homem. Tudo está relacionado entre si (...)."

Tesouro vivo

Dos versinhos de ciranda até dramas para o teatro, a mestre da cultura Dona Zilda possui mais de 80 composições

Na década de 1920, os cidadãos e cidadãs brasileiras estavam presenciando e vivendo as inquietações e movimentações culturais provocadas pela Semana de Arte Moderna, realizada no ano de 1922. Enquanto nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo vários artistas se reuniam para promover uma nova compreensão do conceito de arte e cultura e, por consequência, um novo fazer artístico, aqui, no Ceará, mais especificamente na pequena cidade serrana de Guaramiranga, nascia uma menina que, anos depois, iria se tornar um tesouro vivo da cultura brasileira: Dona Zilda,



FOTO: ROGÉRIO RODRIGUES

Mestre da Cultura em Dramas.

Zilda Eduardo nasceu e cresceu em Guaramiranga. Aos 11 anos de idade, conciliava em um mesmo dia seu trabalho de limpar milho e feijão na roça, os estudos em casa e as brincadeiras de encenação de “draminhas” com suas irmãs e colegas – coisa que, tempos depois, deixou de ser brincadeira de crian-

ça para se tornar seu talento e profissão. “Minha vida começou assim e mesmo assim nunca deixei de continuar fazendo meus dramas. Eu era muito rude e estudava pouco, hoje eu me arrependo”, rememora Dona Zilda, ao falar das dificuldades que teve em não ter aprendido a ler e escrever com os exercícios passados por sua mãe.

Brincadeira

Ela sempre dedicou tempo ao trabalho e à arte, compreendida na infância como brincadeira. “Éramos sete irmãs e todas faziam dramas. Chamávamos colegas e meninas da vizinhança e nos reuníamos para fazer draminhas. Mas não era exatamente drama, eram versinhos de ciranda que estu-

“Boa noite meus senhores, nós somos as mentirinhas, que viemos do sertão a cavalo ou andorinha // Trá lá lá oh minha gente, Trá lá lá não pode ser // Eu fui passear lá na casa da vovó, lá eu vi um touro brabo amarrado num cipó. O cachorro da titia tava atrepado num pau, fumando um charuto e tocando berimbau // Trá lá lá oh minha gente, Trá lá lá não pode ser.”
 (“Mentirinhas”, drama composto por Dona Zilda)

dávamos no livro ‘Coração de Criança’”, recorda. A turma de meninas se apresentava nos terreiros, com o cenário iluminado por luzes de lamparina e figurinos feitos de papel crepom.

A tradição do drama foi herdada e repassada por várias pessoas de mais idade que a moça, com 12 anos na época. A menina Zilda teve aulas com

uma de suas patroas, durante o tempo em que trabalhou como babá, e com sua sogra.

Já adulta, começou a compor seus versos – somando hoje mais de 86 composições – e seu esposo melhorou a estrutura de suas apresentações, construindo um palco. Porém, Dona Zilda é analfabeta, guarda tudo na memória e, ainda hoje, aos 85 anos de idade, utiliza a criatividade para criar novas histórias. Foi com a ajuda de colegas do grupo teatral que sua arte foi conservada, com o registro das letras em um caderno.

Hoje em dia, já passada a época dos quintais e roupas simples, Dona Zilda se apresenta nos teatros e eventos artísticos, além de ensinar a arte do drama em escolas de Guaramiranga e grupos teatrais, promovendo a perpetuação da tradição entre crianças e idosos da comunidade. **P!**

SAIBA MAIS

Dramas são pequenas encenações com diálogos cantados sobre motivos líricos ou cômicos, interpretadas geralmente por mulheres e crianças e originadas na Grécia Antiga.

Os clássicos da literatura

Ler livros consagrados é fundamental para a nossa formação como leitores e escritores e, indo além, aperfeiçoa a nossa visão do mundo

Sabe aquele livro que há anos você está postergando, sempre deixando para lê-lo em “um momento melhor”, parado na estante, em meio a muitos outros, e que todo mundo já parece ter lido e sempre elogia? Provavelmente, ele deve ser um clássico da literatura. Um livro que conseguiu atravessar gerações a fio, mantendo sua temática contemporânea e global, atingindo sentimentos vários e diversos. Mas por que e como esse livro conseguiu chegar a tantas estantes e ser lido por tantas pessoas?

Nesta edição especial sobre literatura, a Pense! traz em sua matéria principal uma reflexão sobre a leitura de obras consagradas, que costumamos chamar de clássicos da literatura. Reconhecer a importância deles e se dedicar a lê-los de vez em quando pode ser um grande acréscimo

à nossa qualidade de leitura dos textos cotidianos e dos livros que virão a seguir.

Magda Soares, no texto de sua autoria, “O Jogo das Escolhas” – onde encontramos reflexões bastante pertinentes e atuais que embasaram grande parte desta matéria –, afirma que existem três tipos de leitura: a funcional, que nos permite chegar a conhecimentos que utilizamos em diversos momentos cotidianos; a de entretenimento, que é a que representa uma forma de lazer e que se faz buscando prazer e satisfação emocional; e a leitura literária – “aquela que questiona a significação, busca o sentido, persegue o valor mutante e mutável da palavra, que é dirigida pelo estético, despreza o literal e valoriza o subjacente, o implícito, que se surpreende com a originalidade e a força criativa e identifica no texto a condição humana”.

De acordo com Magda, esses tipos de leitura “não são leituras excludentes: a leitura funcional pode proporcionar prazer e preencher horas de lazer, como o texto de entretenimento enri-

quece o leitor com informações e conhecimentos; o texto literário é também, obviamente, um texto de entretenimento: pode ser buscado para entreter; o texto literário pode suscitar uma leitura funcional, como quando se toma a literatura como fonte para estudos históricos. A diferença fundamental não está propriamente no texto, está em quem lê, em para que lê e, consequentemente, no modo de ler. Os três tipos de leitura são três modos de ler”, afirma a autora.

Esses três tipos de leitura têm sua importância e valor. No entanto, nossa intenção hoje, como já mencionado, é trazer à tona a leitura literária, em especial a dos clássicos. Será que é possível formar um jovem que seja leitor de literatura? Será que ainda é possível que educadores

se encontrem e se reencontrem no universo literário?

Muitas vezes, esse tipo de leitura pode não parecer atrativa por vir carregada de obrigações e incompreensões, especialmente quando se é jovem e quando o que se lê, no cotidiano, são textos mais objetivos e de léxico mais simplificado. Isso faz com que, apesar de sua importância, a leitura literária seja, tristemente, o tipo de leitura menos realizada pelos leitores. Por essas e outras razões, portanto, será que não seria uma ação positiva encerrar essa reflexão e defender que abríssimos mão da leitura dos clássicos e dispensássemos nosso tempo de leitura com outros textos?

Magda Soares defende, aparentemente de forma contraditória “que, independentemente de sua possibilidade de construir entretenimento, aqueles livros chamados ‘clássicos’ sejam objeto de uma das regras do jogo de escolhas para crianças e jovens – leituras necessárias”. Nem sempre a criança e o jovem vão encontrar prazer em ler um clássico da literatura pois, como afirma Italo Calvino em seu livro “Por que Ler os Clássicos”, “as leituras da juventude podem ser pouco profícuas pela impaciência, pela distração, inexperiência das instruções para o uso, inexperiência da vida”, ao

passo que, “ler pela primeira vez um grande livro na idade madura é um prazer extraordinário”.

Ana Maria Machado também disserta sobre esse aspecto em sua obra “Como e Por Que Ler os Clássicos Universais Desde Cedo” e afirma que “a infância é uma fase extremamente lúdica da vida e [...] nesse momento da existência humana, a gente faz a festa é com uma boa história bem contada. Não com sutilezas estilísticas, jogos literários ou modelos castiços do uso da língua – que poderão, mais tarde, fazer as delícias de um leitor maduro”. Segundo a autora, “o que interessa mesmo a esses jovens leitores que se aproximam da grande tradição literária é ficar conhecendo as histórias empolgantes de que somos feitos”.

Quando defende que os clássicos sejam escolhas necessárias, no jogo de escolhas para crianças e jovens, Magda Soares pensa também em uma

caracterização peculiar de clássicos: “Preocupo-me não propriamente com a formação de leitores, mas com razões mais existenciais e culturais que propriamente literárias para aproximar os clássicos das crianças e jovens. Defino os ‘clássicos’ como ‘o que se preservou do que se escreveu’; e explicaria ‘o que se preservou’ não apenas pelo critério estético, mas também pelo poder de criação de personagens, ações, frases, conceitos tão significativos, tão fortes que se incorporaram como metáforas à cultura, à linguagem”, explica.

Há diversas metáforas que são utilizadas cotidianamente, representando indicativos da forte presença dos clássicos em nossa cultura. Não se pode, por exemplo, permitir que uma criança ou jovem não compreenda quando afirma-se que uma viagem foi uma odisséia, ou quando nos referimos a algo como nosso calcanhar de Aquiles, ou mesmo



Grupos de leitura são alternativas positivas para o estímulo ao hábito de ler

quando brincamos dizendo que um nariz vai crescer ao nos depa-
rarmos com uma mentira conta-
da, e muitos outros exemplos.

Percebendo toda essa di-
nâmica social e cultural, enfatiza-
-se que é preciso conhecer os
clássicos, nem sempre com ob-
jetivo central e inicial de formar
leitores, mas com o propósito de
“desenvolver conhecimentos que
fazem parte da cultura letrada em
que pretendemos inserir crianças
e jovens”, conforme enfatizou
Magda Soares.

Clássico por quê?

Além de Ana Maria Ma-
chado, Magda Soares e Italo Cal-
vino, alguns outros importantes
escritores falaram a respeito dos
livros clássicos, como Mark Twain,
Ezra Pound e Schopenhauer. Essa
frequente retomada ao tema
acontece porque, para muitos,
não é fácil se voltar a uma leitura
“antiga” tendo em mãos, cotidia-
namente, diversos textos extre-
mamente atualizados em jornais
e revistas. Vivemos na sociedade
da informação, onde não é pri-
vilegiado aquilo que é clássico,
aparentemente ultrapassado,
mas, ao contrário, é enaltecido o
novo do novo, o lançamento, as
novidades. Por isso, frequente-
mente encontramos nas livrarias
reedições de obras clássicas, com
novas traduções, capas diferen-

ciadas etc.. A história é a mesma,
mas o fato de ter sido reeditada
e possuir um novo aspecto físico
nos dá uma outra impressão, de
um livro atualizado.

Contudo, apesar de atu-
almente ser muito valorizado o
aspecto gráfico nos livros, o que
realmente marca em um clássico
é o seu conteúdo, suas histórias.
Uma das características que é co-
mum a todos os livros clássicos é
a atemporalidade, ou seja, o fato
de a narrativa e sua temática não
pertencerem necessariamente a
um tempo histórico específico.
O que ocorre nesse tipo de livro
é que os valores transmitidos, em
geral, fazem parte da natureza
humana, independendo da na-
turalidade dos seus leitores, da
sua raça ou credo. Temas como a
traição e a dúvida, presentes em
“Dom Casmurro”, de Machado de
Assis, ou a vaidade, de “O Retrato
de Dorian Gray”, de Oscar Wilde,
fazem parte da vida em socieda-
de e, portanto, também são con-
siderados universais.

Um outro aspecto bem
peculiar a um livro considerado
clássico é que, a cada vez que ele
é lido, novas percepções poderão
vir à tona. As entrelinhas de um li-
vro consagrado são muito pode-
rosas porque podem conservar
mais de um grau de compreen-
são em uma mesma frase. Essa
particularidade promove algo

muito instigante ao leitor: ele
também passa a ser o construtor
da história, tendo em vista que, a
partir do seu entendimento, no-
vos pontos de vista são criados.
Isso, quando o autor é realmente
grandioso, é bem calculado, evi-
tando informações que se sobre-
põem ou possam confundir o lei-
tor. É especialmente dessa forma
que a leitura literária, não neces-
sariamente teórica, tem a capa-
cidade de modular a percepção
do leitor, treinando-o para novos
olhares e fazendo com que ele
participe ativamente do processo
de leitura.

Assim, independentemente
do conhecimento acerca
da história, que é acrescido após
a leitura do clássico, o leitor cres-
ce para as próximas obras que
virão. Sua forma de ler será natu-
ralmente modificada, terá ganho
um novo embasamento, uma
nova perspectiva. É devido a es-
sas entrelinhas capciosas que, ge-
ralmente, muitas pessoas gostam
de reler os livros clássicos, fato
assumido na primeira definição
dada por Italo Calvino: “Os clási-
cos são aqueles livros dos quais,
em geral, se ouve dizer: ‘Estou
relendo...’ e nunca ‘Estou lendo...’”.
Isso acontece porque, ao passar
dos anos, quando a nossa própria
percepção do mundo se modifi-
ca, nosso entendimento do livro
pode mudar, ganhar novas nu-

ances. Essa é uma característica
bastante positiva em um clássico.

Apesar de serem tantos
os atrativos aos clássicos, o que
será que ainda pode nos afastar
deles? Muita gente considera a
leitura desse tipo de livro ainda
bastante complicada. Os livros
clássicos, muitas vezes, apesar
da sua atemporalidade, podem
utilizar um vocabulário bastante
diferente do que utilizamos coti-
dianamente e, portanto, acabam
parecendo distantes da nossa
realidade e mais difíceis de se-
rem lidos. Contudo, é importante
lembrar que para adentrarmos
em um novo universo e apren-

dermos coisas novas é necessá-
rio que haja algum esforço. Nes-
se caso, o bom é saber que esse
esforço será recompensado com
uma história prazerosa.

Obviamente, existem es-
tratégias para um pontapé ini-
cial. Procure começar por um li-
vro que você realmente queira
ler há muito tempo. Não precisa
ser um “Grande Sertão: Veredas”,
de Guimarães Rosa, com vocá-
bulos e ortografia tão peculiares.
Pegue leve, vá devagar. Aos pou-
cos, o interesse vai se sobrepon-
do à dificuldade e, com o tempo,
ela nem estará mais lá. É sempre
bom também prestar atenção à

edição que se lê e, quando o au-
tor for estrangeiro, à tradução.
Esses dois aspectos do livro, reu-
nidos, representam muita im-
portância durante a sua leitura.
Para garantir a originalidade do
texto, procure sempre ler a edi-
ção mais nova possível. Ao longo
dos anos, livros antigos são fre-
quentemente reimpressos e, às
vezes, alguns detalhes se per-
dem nesse caminho. O tradutor
também é fundamental para a
grandiosidade da obra ser man-
tida. Fique atento aos bons e
maus profissionais da área para
garantir uma leitura mais coe-
rente com o texto original. **Pl**

Clássicos cearenses

Na maioria das listas que podemos en-
contrar, onde constam os livros clássicos
da literatura mundial, raramente algum
autor cearense figura. O único que aparece
em algumas é o escritor fortalezense José
de Alencar, com sua aclamada “Iracema”.
Contudo, apesar de não serem recorrentes
em listas comuns dos clássicos, as obras
cearenses devem ser leitura fundamental
para que tenhamos perspectiva histórica
com relação ao desenvolvimento da lite-
ratura no nosso Estado.

Livros como “Aves de Arribação”, de Antônio
Sales, e “O Quinze”, de Rachel de Queiroz
são considerados retratos vivos do nosso
povo e devem encabeçar a lista dos clási-
cos cearenses. É graças a livros como esses

que adolescentes têm a oportunidade de
adentrar no universo sertanejo, especial-
mente quando a sua juventude se passa
inteiramente em um ambiente urbano,
semelhante às demais capitais. Os livros
clássicos cearenses contam de forma para-
fraseada a história do nosso povo e, através
deles, podemos conhecer mais a fundo as
diversas nuances que nos constituem.

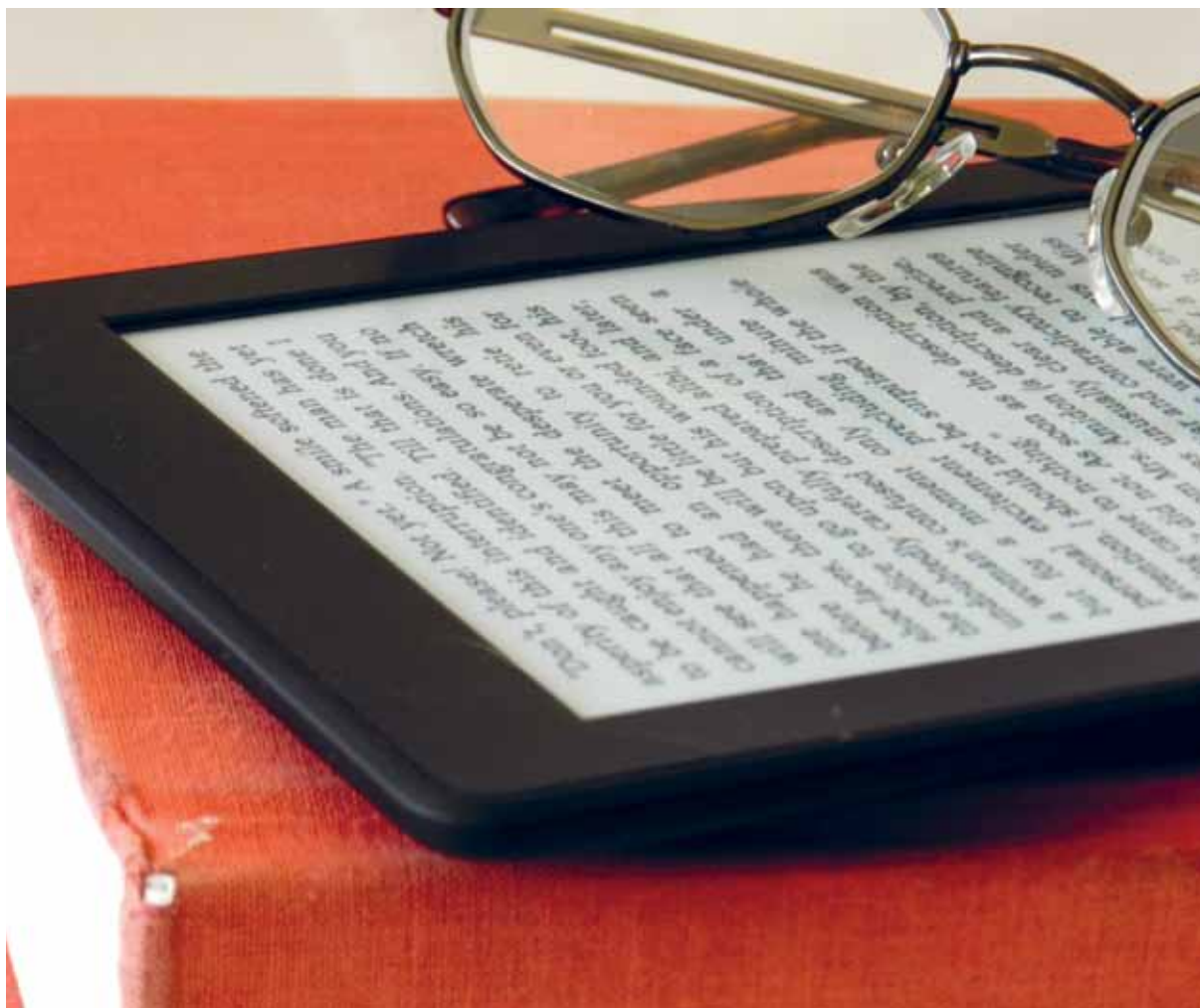
Além dos livros mencionados acima,
fizemos uma lista com dez clássicos ce-
arenses fundamentais para a sua forma-
ção como leitor. Na lista, optamos por
escritores de épocas e estilos diversos,
compondo uma reunião bem plural. Não
esquecemos Antônio Girão Barroso, Le-
onardo Mota, Milton Dias, Ana Miranda
nem Adolfo Caminha, mas fizemos as es-
colhas a seguir como uma proposta para

o início das leituras. Vamos começar?

- 1 – Iracema – José de Alencar
- 2 - A Normalista - Adolfo Caminha
- 3- Luzia-Homem de Domingos Olímpio
- 4 – O Quinze – Rachel de Queiroz
- 5 – Aves de Arribação – Antônio Sales
- 6 – Dizem que os Cães Veem Coisas –
Moreira Campos
- 7 – Cordéis e Outros Poemas –
Patativa do Assaré
- 8 - A Casa – Natércia Campos
- 9 – O Vendedor de Judas –
Tércia Montenegro
- 10 – Moça com Flor na Boca -
Airton Monte



Livros e telas



O uso de novas tecnologias exige que o leitor ative funções cerebrais de leitura que não eram necessárias

Com novos elementos criados e recriados pelo homem e também com a quantidade de informações em que estamos imersos, não se pode esperar que o cérebro humano mantenha-se inalterado em sua

forma de funcionar. A verdade é que, nesse curioso e fabuloso órgão, acontecem inúmeras e constantes operações, que são responsáveis pelo nosso incessante aprendizado e incorporação de novos elementos.

O uso de computadores, de diversas plataformas de leitura e de outras tecnologias trouxeram novas ferramentas que exigem que o leitor ative funções cerebrais que outrora não eram necessárias (ou tão necessárias), provando, mais do que nunca, que não há limites para o aprendizado. Consequentemente, também não há fim para inovações.

Mas será que algo tão antigo como a leitura também ficou mais “complexo”? Ao refletir um pouco sobre a trajetória da escrita e as mudanças sobre sua concepção, podemos inferir que o processo de leitura também se modificou e ganhou novos olhares. Algo tão presente nos dias de hoje, como a leitura em ambientes digitais, já trouxe elementos a mais para serem estudados e compreendidos.

Segundo Carla Vianna Coscarelli e Ana Elisa Novais, pesquisadoras das implicações tecnológicas sobre o letramento e a alfabetização, “a leitura precisa ser entendida como um processo que envolve atividades com textos de diversas naturezas, em situações reais de comunicação. É preciso ler o texto verbal, mas é preciso também ler os elementos não verbais, o design, a diagramação, as cores, imagens, fontes,

ícones, barras. É preciso muitas vezes integrar o som”, explicam.

Ilza Gualberto, doutora em linguística aplicada pela UFMG, em sua tese de doutorado, também defende que diante de textos com pluralidade de signos além daqueles que normalmente representam as expressões verbais, o leitor ne-

a leitura precisa ser entendida como um processo que envolve atividades com textos de diversas naturezas, em situações reais de comunicação. É preciso ler o texto verbal, mas é preciso também ler os elementos não verbais, o design, a diagramação, as cores, imagens, fontes, ícones

cessita perceber suas funções e saber integrá-los para que compreenda o texto. As imagens, os ícones, o design e outros elementos como esses precisam ser decodificados e integrados para que o leitor encontre sentido no que está lendo. Se, por exemplo, um link que foi facil-

mente identificado e compreendido leva a uma imagem ou texto que não corresponde ao que se esperava daquele link, a leitura pode ficar comprometida.

Além de inúmeras operações envolvidas para a compreensão de um texto, alguns fatores influenciam para o processamento do mesmo, independente de ser texto impresso ou digital. As pesquisadoras já mencionadas Carla Coscarelli e Ana Elisa Novais apontam como influenciadoras questões como: a familiaridade do leitor com elementos linguísticos, com o campo semântico do texto, com o gênero textual e com a função que o texto desempenha. Também apontam para a canonicidade dos elementos que aparecem no texto, ou seja, o fato de eles seguirem um padrão mais frequente na língua.

Esses últimos dados nos colocam à reflexão de que, mesmo com novos conhecimentos acerca da leitura e do que se modifica nesse processo, algumas operações são mantidas. É preciso, portanto, como afirmaram em artigo as duas pesquisadoras há pouco citadas, “que os leitores sejam leitores e navegadores de textos diversos”. **PI**



Retratos da seca

Estiagem que assola a Região Nordeste já era retratada em obras de grandes escritores brasileiros

A seca voltou a castigar o sertão cearense desde o início de 2012. De acordo com dados da Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (Funceme), esta tem

sido a mais rigorosa estiagem enfrentada pelo Estado nos últimos 19 anos e a 5ª pior da história. No primeiro semestre do ano passado, choveu 50% a menos do que a média para a época. Infelizmente, esta é uma realidade que já dura alguns anos. E, por representar um verdadeiro flagelo para a população, também está registrada em algumas obras clássicas da literatura brasileira.

Em “Os Sertões”, Euclides da Cunha define a seca como “o

martírio secular da terra”. Escrita em três partes – “A Terra”, “O Homem” e “A Luta” – “Os Sertões” narra o drama da Guerra de Canudos e a luta de Antônio Conselheiro contra o exército brasileiro para defender suas terras, no sertão da Bahia. Do ponto de vista literário, “Os Sertões” pode ser considerada uma epopeia da vida sertaneja em sua luta diária contra a paisagem e a incompreensão das elites governamentais.

Embora esteja presente em toda a narrativa, a seca

em “Os Sertões” está mais detalhada na parte “A Terra”, que faz uma descrição das características do lugar, o clima, a terra e diversos outros aspectos geográficos do local. Na visão de Euclides da Cunha, a seca determinava a forma da paisagem: dias quentes e noites frias, cheia de árvores espinhentas e sem folhas.

Outros títulos do mesmo tema

A impressão sobre a seca é igualmente triste em “Vidas Secas”, de Graciliano Ramos. O livro conta a história de Fabiano e de sua família de retirantes: a mulher Sinhá Vitória, os filhos (chamados apenas de “mais velho” e “mais novo”), a cadela Baleia e o papagaio.

A diferença em “Vidas Secas” é que a estiagem causa impactos diretos na vida das pessoas. O nordestino é retratado com sua fome e a necessidade de migrar pelo sertão. As personagens pouco se comunicam e, por incrível que pareça, a cachorra Baleia aparece mais humanizada que os próprios homens. A falta de chuva transforma a paisagem num ambiente inóspito e hostil. Por isso, facilmente pode-se comparar a situação de Fabiano com a de milhares de famílias

A SEQUIDÃO, EM PALAVRAS

“Despontam vivendas pobres; algumas desertas pela retirada dos vaqueiros que a seca evaporou; em ruínas, outras; agravando todas, no aspecto paupérrimo, o traço melancólico das paisagens...”. Os Sertões

“Fabiano ouviu os sonhos da mulher, deslumbrado, relaxou os músculos, e o saco da comida escorregou-lhe no ombro (...). Havia caminhado léguas quase sem sentir. De repente veio a fraqueza. Devia ser fome. Fabiano ergueu a cabeça, piscou os olhos por baixo da aba negra e queimada do chapéu de couro. Meio dia, pouco mais ou menos. Baixou os olhos encandeados, procurou descobrir na planície uma sombra ou sinal de água. Estava realmente com um buraco no estômago.” Vidas Secas

“(…) E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e além, ou alguma batata-branca que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos se arrastando e gemendo (...)” O Quinze

que convivem com o sofrimento da seca. Muitas partem para os grandes centros em busca de uma nova vida. Outras, nem isso conseguem.

Outra obra clássica muito influenciada pela temática da seca é “O Quinze”, de Rachel de Queiroz. A começar pelo título do livro, referência ao ano de 1915, quando uma terrível seca atingiu o Ceará – e obrigou a própria família de Rachel a sair do Estado.

Em “O Quinze”, a existência dos personagens é recheada de amarguras. Em um primeiro plano, a obra conta a história do vaqueiro Chico Bento e de sua família; no outro, retrata a relação afetiva de Vicente, rude proprietário e criador de gado, e Conceição, sua prima culta e professora. Diversas cenas do livro são influenciadas pela seca, como a procissão para pedir chuva, além de outros traços típicos da condição de retirante.

Apesar da grandeza e do alcance dessas obras, reconhecer que a seca é uma realidade às vezes natural do nosso País não é muito fácil para uma boa parte da população. Espera-se que, à revelia da beleza das obras, passemos por um inverno de boas chuvas e de prosperidade para todos, de vida farta e sertão frondoso. **PI**



REPRODUÇÃO



Para contar histórias

Aprenda a construir objetos que irão facilitar os momentos de leitura com seus alunos

Contar histórias é uma prática milenar, que traz bem-estar e inúmeros benefícios para o desenvolvimento das

crianças. Segundo Kélvia Piragibe, professora da EMEIF Joaquim Nogueira, de Fortaleza, e contadora de histórias, "contar histórias é importante pelo fato de levar a criança a explorar o imaginário infantil. Além disso, traz a criança para mais perto dos livros, porque depois dos momentos de contação e leitura de histórias, elas anseiam pelo contato com o livro que deu origem à história

contada", afirma.

Em sala de aula, momentos dedicados à contação e à escuta de histórias são essenciais. Eles devem ser frequentes e presentes na rotina escolar. Nesse sentido, iremos propor a construção de alguns instrumentos para serem utilizados durante esses momentos. Esse uso permite que os alunos entrem em contato com diferentes maneiras de contar histórias. O primeiro deles será o avental de história; o segundo será a luva da história. E então, professor, qual vai ser a história hoje?



AVENTAL DA HISTÓRIA

1 - Para prepará-lo é necessário que o professor adquira um tecido, de preferência de textura lisa e de cor clara. Também deve ter espessura grossa. Deve-se recortá-lo em formato de avental, sem esquecer de depois fazer a aplicação das tiras que envolvem o pescoço, a cintura e as costuras ou colagens (com cola de tecido ou cola quente) que se julguem necessárias. Outra opção é adquirir um avental pronto.

2 - Depois disso, chega o momento de montar o cenário. No avental, em altura que seja facilmente alcançada pelas mãos, faça aplicações de tecidos de cores que simbolizam partes de cenários desejados (um pedaço de tecido verde para simbolizar um chão com grama, tecido azul para ser o céu, um círculo amarelo representando o sol etc.). A aplicação pode ser feita com linha, cola ou velcro (este último para o caso de se querer modificar o cenário-base da história).

3 - Também é preciso montar os personagens e outros elementos para complementar e enriquecer o cenário. Mas é importante que não fiquem estáticos. Nesse caso, uma opção é a construção com feltro, mas ela se torna restrita a professores que tenham experiência com o manuseio desse material. Outra alternativa mais acessível é a impressão ou desenho de imagens dos personagens. Para que eles não se deteriorem facilmente, cole papelão ou outro material que permita mais segurança de manuseio ao contador de histórias enquanto desenvolve sua atividade. E, a partir daí, entra a arte e a desenvoltura do professor para manejar esse instrumento e encantar seus pequenos.



LUVA DA HISTÓRIA

1 - Para isso é necessário que se adquira ou monte luvas de tecido maiores que as mãos da pessoa que irá utilizá-las. Em cada ponta dos dedos das luvas deve-se colocar algodão acrílico (material que não murcha caso seja molhado). Uma a uma, as pontas dos dedos das luvas devem ser amarradas com linha da mesma cor. Por isso vale uma dica: use bastante algodão acrílico, pois isso não permitirá que os dedos das luvas percam a firmeza).

2 - O nó deve ser apertado e dar a forma de uma bola nas pontas dos dedos. O docente deve imprimir ou desenhar os rostos dos personagens e fixá-los com cola ou velcro nas pontas dos dedos. Vale salientar que o mesmo procedimento com o uso do papelão deve ser feito. Ainda há a possibilidade da utilização de rostos de bonecos de feltro.

Outra observação é que esses instrumentos demandarão certo tempo para serem concluídos e talvez necessitem de alguns investimentos pessoais. Em compensação, poderão ser utilizados e encantar as crianças por muitos anos!



Cultura em rede

Especialista mostra que a internet e as redes sociais podem contribuir com o crescimento cultural dos estudantes

Sites, blogs, Twitter, Facebook. Essas inovações tecnológicas constantemente são criticadas por prenderem a atenção dos estudantes, que passam horas na frente do computador – em vez de se dedicarem a outras atividades culturais. Mas ao contrário do que parece, essas ferramentas contribuem, e muito, para o desenvolvimento intelectual dos estudantes. Essa é a afirmação de José Luiz Goldfarb, Professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e um dos maiores especialistas em redes sociais do Brasil. “Os meios eletrônicos contribuem para enriquecer a nossa cultura porque fazem as informações circularem livremente. Quem tem acesso à informação tem muito mais chances de se apro-

priar e fazer bom uso dela do que quem não tem”, compara Goldfarb, mestre em Filosofia e História da Ciência pela McGill University, do Canadá.

Para ele, os educadores precisam aprender com esse contexto e descobrir novas formas de atrair o estudante. “Quando o computador surgiu nos Estados Unidos, na década de 1980, os pais ficaram escandalizados porque os filhos não queriam mais ficar à noite vendo televisão com eles, e sim ir para o computador”, conta José Luís Goldfarb. “Com o tempo se percebeu que o problema não era o computador, mas o relacionamento entre as

gerações. Por isso, o atrativo de ir para uma sala de aula e ver o professor tem que ser cultivado. Se não, qualquer coisa vai servir para o garoto sair”, diz Goldfarb.

No que diz respeito à contribuição dos meios eletrônicos para a cultura, José Luís Goldfarb, que também é curador do Prêmio Jabuti, principal prêmio literário do Brasil, é responsável por uma das campanhas mais bem-sucedidas nas redes sociais. “Desde 2009, ajudando a divulgar a campanha #doeumlivro, dentro do Twitter [quadro abaixo]”, afirma Goldfarb, ferrenho defensor da literatura. **PI**

BIBLIOTECA VIRTUAL

Além da campanha #doeumlivro, José Luís Goldfarb participa de outra iniciativa inovadora na internet, a Educopédia. “Ela foi criada pela Prefeitura do Rio de Janeiro. É um espaço virtual que os professores da rede pública podem utilizar para enriquecer suas aulas. Para cada aula, tem um arquivo em formato Power Point”, explica Goldfarb. “O professor pode acrescentar ou modificar o conteúdo conforme desejar e o aluno também, ao chegar em casa, pode acessar aquela aula, via internet, e ver vídeos, jogos, grupos de estudo, relacionados ao assunto da aula”, comenta.

Mais informações sobre essas iniciativas, no Twitter, através dos trendtopics (assuntos mais comentados): #doeumlivro e #educopedia.

Maravilha humana

MORGUEFILE



O livro é o produto de muitas inovações tecnológicas ao longo dos séculos

Quando você abre um livro nem pode imaginar a quantidade de inovações técnicas que permitiram a criação deste produto. Qualquer livro, por mais simples que seja, é o resultado de muitos processos de registro e conservação de informações, que começaram milhares de anos atrás.

A origem do livro se confunde com a da escrita, que, de acordo com os pesquisadores, começou a ser utilizada há cerca de 5.500 anos, pelo povo sumério (antigos habitantes da região que fica entre o Irã e o Iraque) e os egípcios. Os primeiros suportes para a escrita foram tabule-

tas de argila e de pedra. Com o tempo, passaram a ser utilizados o papiro, feito com as fibras de uma planta, e o pergaminho, do couro de animais.

O papiro era transportado em cilindros e passou a ser conhecido como khartes ou volumen. Conforme ia sendo lido, o volumen era desenrolado – e podia chegar até 7 metros. A evolução do volumen foi o códex, já no formato de páginas, com um resumo do que estava escrito no rolo. Esta é considerada uma forma primitiva de livro, utilizada do Império Romano até a Idade Média. Com o códex, surgiram as primeiras “livrarias”, casas que vendiam esses objetos, e os primeiros editores, pessoas que selecionavam as informações do códex.

Pesquisadores acreditam que o sucesso da religião cristã se deve, em parte, ao surgimen-

to do códex, pois a partir dele ficou mais fácil distribuir informações. Aliás, a relação do livro com a religião é histórica. Na Idade Média, a produção de livros aumentou muito, em razão dos monges copistas, que se dedicavam a reproduzir obras literárias.

A grande revolução do livro ocorreu em 1455, quando Johannes Gutenberg inventou a imprensa, o aparelho com tipos móveis reutilizáveis, ou seja, que poderia produzir cópias em maior escala. Nesta nova maneira de fazer livros, a primeira obra impressa foi a Bíblia, em latim. Com o novo método, o livro se popularizou, em razão da redução dos custos de produção. Desde então, tem se sofisticado, com a utilização de cores, fotos, ilustrações e capas diferenciadas.

Na década de 1990, graças à informática, surgem os livros eletrônicos, ou e-books. O primeiro livro possível de ser lido no computador foi “Do assassinato”, de Thomas de Quincey. Hoje é cada vez mais comum a presença de grandes obras na internet, onde estão disponíveis milhares de livros, na íntegra, para que o leitor baixe e leia. Mas isso não chega nem perto da produção mundial. Segundo o Google, até 2010 existiam cerca de 130 milhões de livros diferentes publicados. **PI**

Histórias da vida

Perfeccionista, o jornalista Lira Neto se especializou em biografias



Escrever é uma arte. Mas a tarefa fica mais complicada se o tema for a vida de uma pessoa. E mais ainda se a pessoa for uma personalidade ou personagem histórica. Este é o ofício de Lira Neto, escritor e jornalista cearense que se dedica a um gênero raro na literatura: biografias. Porém, mais do que dificuldades, Lira Neto garante que esse segmento lhe trouxe a liberdade que não encontrava no tempo em que era repórter – que tem poucas horas para escrever sobre determinado assunto. “Sou essencialmente repórter. Estou escritor. A única diferença é que tenho mais tempo para cumprir minhas pautas, entre quatro e cinco anos. É a libertação do jornalista”, comenta.

Em seu currículo, Lira Neto ostenta a autoria das biografias de personalidades como o Padre Cícero, a cantora Maysa, o escritor José de Alencar e os ex-presidentes Castello Branco e Getúlio Vargas. Este último, inclusive, foi seu mais recente desafio, que rendeu uma trilogia, cuja pesquisa foi realizada por meio da consulta a cartas, processos judiciais e informações históricas. O primeiro volume foi lançado em 2012, chamado “Dos Anos de Formação à Conquista do Poder”, compreendendo a vida de Vargas entre seu nascimen-

“Sou essencialmente repórter. Estou escritor. A única diferença é que tenho mais tempo para cumprir minhas pautas, entre quatro e cinco anos. É a libertação do jornalista”

to até 1930, quando assumiu a Presidência pela primeira vez. O segundo volume, que deve ser publicado este ano, vai de 1930 a 1945, com o título “Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo”. O último livro será lançado em 2014.

Para cumprir sua tarefa, Lira Neto não abre mão do perfeccionismo. “Reescrevo muito um parágrafo para tentar tirar a sensação de fazer literatura. Eu sentia uma ansiedade de evitar tudo que não fosse claro e objetivo”, observa Lira Neto.

Profissão

Lira Neto tem diploma técnico em topografia e foi professor de História, Redação e Literatura em Fortaleza. No jornalismo, começou como revisor do jornal Diário do Nordeste e depois foi repórter especial, editor e ombudsman do jornal O Povo. Mas a vida na redação

já não o satisfazia. “Era um sentimento de incompletude. Sabia que eu podia pensar, criar e escrever mais do que fazia”, comenta o escritor, que após dez anos no “O Povo”, foi chamado para cuidar da parte editorial da Fundação Demócrito Rocha, ligada ao jornal. Assim, passou a se dedicar inteiramente à vida literária. “Passamos a trabalhar com temas do universo regional. Publicamos uma coleção com os clássicos cearenses e outra com perfis biografados de personagens históricas”, conta.

Um dos maiores reconhecimento conquistados por Lira Neto ocorreu em 2007, quando foi agraciado com o Prêmio Jabuti de Literatura, na categoria melhor biografia, pelo livro “O inimigo do Rei: Uma biografia de José de Alencar ou a mirabolante aventura de um romancista que colecionava desafetos, azucrinava D. Pedro II e acabou inventando o Brasil”. O extenso subtítulo é proposital e faz referência à estética do folhetim do século XIX. Conquistando prêmios e sendo reconhecido nacionalmente, Lira Neto sente-se mais fortalecido para prosseguir nesse caminho de jornalista biógrafo, demonstrando mais em suas apurações, mas trazendo bons resultados para a literatura nacional. **PI**



Brincar com a imaginação é ter saúde

Mais do que encantamento, a contação de histórias auxilia na melhora da saúde

“Desde que Bento nasceu, adquiero livros. Quando era bebê, eu comprava uns com estímulos sonoros e táteis, com figuras grandes e coloridas. Sabia que ele gostava porque queria pegar, morder e cuidar com afeto. Hoje, aos 2 anos, ele adora histórias! Sempre lemos uma para adormecê-lo na rede e ele já senta no chão, pega um livro e começa a 'viajar' nas histórias, lê as imagens e conta o que vê. Inclusive, às vezes, ele decora umas que eu conto e tenta ler do jeito dele”. Essa é a experiência de Ivna Gião, jornalista e mãe de Bento e Ana Maria, que desde cedo percebem o gosto pela leitura e são estimulados a desenvolver a criatividade.



A contação de histórias é uma tradição milenar. Ainda no início da civilização humana, os mais velhos transmitiam seus ensinamentos aos jovens por meio da narração de histórias, dentro das cavernas ou ao redor de fogueiras. Mesmo hoje em dia, em plena época de hábitos digitais, essa cultura se perpetua, tendo uma significativa importância social, cultural e educativa.

Passando por todas essas áreas, a contação de histórias consegue ainda beneficiar a saúde de quem as escuta ou lê. A ação tem sido, nos últimos tempos, bastante utilizada na recuperação de pessoas com problemas sociais, como o uso de drogas, e também como recurso terapêutico no tratamento de pacientes em hospitais. “Para essas pessoas, as experiências partilhadas pelas histórias, e reconhecidas pela alma humana, fazem com que elas revisitem suas vidas e encontrem forças para vencer obstáculos.

As histórias apresentam uma estrutura comum, organizam o pensar e o sentir do ser humano, direcionando-o a agir”, explica Maísa Guapyasú, presidente da Casa do Contador de Histórias, de Curitiba, uma organização não-gover-

OBJETIVOS ALCANÇADOS

Mostrar mais de uma solução para os problemas detectados;

Auxiliar o paciente a verificar suas emoções e as emoções paralelas;

Aliviar as tensões;

Ajudar na adaptação à vida hospitalar;

Auxiliar a lidar com sentimentos como raiva, frustração e medo.

namental que reúne contadores vindos de várias áreas profissionais para visitar escolas, abrigos, asilos e outras instituições sociais.

Um trabalho semelhante é realizado no Ceará pelos integrantes da Associação Viva e Deixe Viver. “O Viva é uma causa que tem como objetivo criar condições para a felicidade dos diferentes públicos que compõem a sua atividade - recebedores, doadores e financiadores – por meio da arte de contar histórias, interferindo e melhorando a relação entre as pessoas e a sociedade”, explica Valdir Cimino, fundador do grupo.

Emoções

A hospitalização tem um impacto grande nas crian-

ças, provocando medo, ansiedade e consequente estresse. Elas têm diferentes impressões sobre isso e também muitas dúvidas.

Sabendo disso, o “Viva...” realiza a leitura de obras infantis e brincadeiras para as crianças hospitalizadas em oito Estados do Brasil. Em Fortaleza, os contadores visitam o Hospital São José e o Instituto do Câncer do Ceará. Além dessas visitas, a Associação realiza 13 projetos, entre eles o Passaporte para Histórias - oficinas lúdicas realizadas em espaços como Parques, Escolas e Corporações envolvendo a leitura e atividades lúdicas que fomentam a cultura da arte de contar histórias e o brincar – e o Centro de Contação de Histórias, que oferece treinamento e capacitação aos voluntários contadores de histórias e ao público em geral. **PI**

SAIBA MAIS

Conheça mais sobre a Associação Viva e Deixe Viver em: www.vivaedeixeviver.org.br

Fonte: Clarisse Caldin

<http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/147/14701204.pdf>

Progresso a olhos vistos

Apesar das lacunas a serem resolvidas, a educação brasileira obteve conquistas importantes nos governos FHC e Lula

Entre 1995 e 2010, a educação brasileira experimentou um período de progresso poucas vezes visto na história do País. Durante os mandatos dos ex-presidentes Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva ocorreram transformações importantes, desde a Educação Infantil até o Ensino Superior, passando pela formação profissionalizante e a alfabetização de adultos. Apesar de ainda existirem muitas questões a serem resolvidas, houve um avanço em diversas áreas.

No governo FHC, a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) foi um marco importante, pois traçou novas diretrizes para a educação, assim como a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de

Valorização do Magistério (Fundef), que redistribuiu melhor as verbas para o Ensino Fundamental. A definição dos Parâmetros Curriculares Nacionais e a avaliação do livro didático também são realizações históricas, juntamente às avaliações educacionais, como o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), o Exame Nacional de Cursos (Provão) e o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), que trouxeram a preocupação com a melhoria da qualidade do ensino. A partir disso, foi possível traduzir em números o desempenho de cada instituição de ensino, principalmente as de nível superior. Houve um grande aumento na oferta de vagas nas faculdades, com a abertura de novos centros de ensino.

Na Educação Infantil houve ampliação da oferta de vagas em creches e pré-escolas, assim como na educação especial, na qual aumentaram as matrículas de alunos com deficiência no sistema regular de ensino – muitos foram beneficiados com testes de acuidade visual e auditiva promovidos pelo Ministério da Educação.

Outra meta significativa atingida pelo governo Fernando Henrique Cardoso foi colocar mais de 95% das crianças de 7 a 14 anos no Ensino Fundamental e Médio, que somaram mais de 3 milhões de alunos matriculados em todo o sistema – acima dos 2,7 milhões projetados.

Avanços

No Governo Lula, os avanços educacionais foram beneficiados com a maior estabilidade da economia, o que proporcionou um aumento dos investimentos. O próprio Ministério da Educação (MEC) viu seu orçamento passar de R\$ 20 bilhões para R\$ 70 bilhões no governo Lula – possibilitando, por exemplo, maiores financiamentos para os estudantes. “Lula avançou bastante em comparação às políticas anteriores. Em primeiro lugar, no acesso ao ensino superior, a expansão das universidades públicas e federais foi extraordinária, assim como o acesso ao Ensino Médio”, opina Moacir Gadotti, Presidente do Instituto Paulo Freire.

Também houve avanços na educação profissionalizan-

te, com a ampliação da rede de Institutos Federais, responsáveis pelo ensino técnico e tecnológico. No total, foram 214 novas escolas técnicas abertas no País. Um novo panorama também ocorreu no Ensino Superior, com a interiorização das Universidades Federais, levando a formação profissional a diversas localidades menores.

Apesar dos progressos alcançados nos últimos governos, ainda há muitas lacunas a serem preenchidas. O Brasil ainda não conseguiu, por exemplo, resolver a questão do analfabetismo – segundo dados do IBGE, o País tem hoje cerca de 19 milhões de analfabetos. Além disso, a valorização do professor ainda necessi-

ta de avanços, apesar da criação do Piso Nacional do Magistério, em vigor desde 2008. Mesmo assim, se compararmos a situação atual da educação brasileira com a de 20 anos atrás, percebe-se que ocorreram avanços que tornam o País mais preparado para enfrentar os desafios do competitivo século XXI. **PI**

LITERATURA NO PERÍODO

Os anos finais do século XX e os primeiros do século XXI trouxeram novos autores ao cenário da literatura brasileira. Alguns deles já haviam mostrado sua genialidade em outras áreas e se aventuraram no mundo da palavra escrita, como foi o caso do músico e compositor Chico Buarque, autor de livros de sucesso, como “Budapeste” e “Leite derramado”. João Soares, famoso por sua participação na TV, mostrou seu talento com escritor com obras de ficção como o “Xangô de Baker Street”, “O Homem que Matou Getúlio Vargas” e “Assassinatos na Academia Brasileira de Letras”.

Milton Hatoum é um dos autores de destaque no período, com livros de boa repercussão, como “Dois irmãos”, “Cinzas do Norte” e “Órfãos do Eldorado”. Na prosa, destaque para o talento de Cíntia Moscovitch, Michel Laub e Daniel Galera; na poesia, Paulo Henriques Britto, Douglas Diegues e Fabrício Carpinejar; e, na crônica, Ricardo Freire, Antonio Prata e



Ana Elisa Ribeiro. Por outro lado, autores já consagrados, como Fernando Morais, deram continuidade à sua produção qualificada, focada especialmente em biografias, com livros como “Chatô, o Rei do Brasil”, “Corações Sujos” e “Montenegro”.

Professores-leitores



Na sua rotina atarefada de educador, em que espaço a leitura se encaixa? Quanto tempo você dedica ao próprio conhecimento?

Formadores de opinião, os professores promovem o constante estímulo dos alunos à leitura, ao estudo e ao conhecimento. Nas séries escolares iniciais, por exemplo, faz leituras em voz alta e, assim, divide o assunto com os estudantes não muito afeitos à leitura. Também dentro de uma sala de aula, é costume a dedicação de alguns minutos para que os

alunos leiam determinado trecho de um livro para discuti-lo ao longo das horas seguintes.

Seja qual for o método aplicado, a leitura é matéria obrigatória na rotina de ensino de um educador. E para despertar o prazer pela prática, não há mistérios: basta ler. É isso mesmo. Entre os maiores influenciadores de quem lê, o professor representa 45% do total – em seguida,

vem a mãe (43%). O dado é do levantamento Retratos da Leitura no Brasil (2012), encomendado pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência.

Por isso, para manter e superar essa influência, é recomendada ao professor a busca pelo próprio estímulo ao hábito do consumo de livros. Pare e tente lembrar: qual foi a última obra que você leu até a última página? Alguns mestres da literatura são listados na pesquisa como os mais lidos de todos os tempos. Com base nos escrito-

LIVROS CLÁSSICOS

Ainda não tem o hábito da leitura? Nunca é tarde para ler. A Pense! preparou uma lista de cinco obras fundamentais da literatura cearense e brasileira. Aproveite. E boa leitura!

1. Dom Casmurro – Machado de Assis
2. Iracema – José de Alencar
3. Vidas Secas – Graciliano Ramos
4. Gabriela, Cravo e Canela – Jorge Amado
5. O Quinze – Rachel de Queiroz

res dessa relação, selecionamos algumas obras de fundamental importância para a formação de um bom educador.

Os mais lidos

O primeiro colocado da lista dos mais lidos é Monteiro Lobato, escritor de grande influência, sobretudo na literatura infantil. Foi autor também de importantes traduções. A coleção do Sítio do Picapau Amarelo, lançada em 1920, atravessa gerações com as aventuras de Emília, Narizinho e Pedrinho no sítio da Dona Benta. São mais de 20 histórias. O segundo lugar é de Machado de Assis, um dos maiores escritores brasileiros. O

romance Dom Casmurro (1899) é a obra clássica do carioca e já foi adaptada, inclusive, para a televisão no formato de minissérie. Para leitores interessados em histórias dos séculos passados, com ironia, linguagem simples, texto enxuto e reflexões sobre a sociedade da época, há também “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881) e “Quincas Borba” (1891), outros livros de boa aceitação pela crítica.

Abaixo de Machado de Assis na lista da pesquisa vem o escritor, letrista e jornalista Paulo Coelho, cujos livros figuram entre as obras brasileiras mais compradas do mundo. O soteropolitano Jorge Amado, autor de “Tieta do Agreste”, “Gabriela” e “Dona Flor e Seus Dois Maridos” aparece em 4º, seguido por Carlos Drummond de Andrade, Maurício de Sousa – criador da Turma da Mônica –, José de Alencar e Vinicius de Moraes.

Se você tem interesse por escritores cearenses, além do já citado José de Alencar, destacam-se nomes como os clássicos Rachel de Queiroz e Patativa do Assaré, além dos vivos Ana Miranda, Lira Neto, Socorro Acioli, Tércia Montenegro e Pedro Salgueiro. Brasileiro, cearense, vivo ou morto, não importa. O certo é que o professor, mesmo no tempo livre, continua sendo educa-

CURIOSIDADES

O número de entrevistados que afirmaram aos pesquisadores cultivar o hábito de ler durante o tempo livre caiu 8 pontos percentuais entre 2007 e 2011, de 36% para 24%;

Mulheres são maioria entre as pessoas com o hábito de ler pelo menos um livro a cada três meses (57%);

As faixas etárias com o maior número de leitores são: entre 30 e 39 anos (16% do total), 5 a 10 anos (14%) e 18 a 24 anos (14%);

Entre 2007 e 2011, o Nordeste ganhou 1 milhão de leitores;

Os textos escolares são lidos com maior frequência: 44% dos leitores que leem esse tipo de texto o fazem todos os dias, e outros 44% afirmaram que leem textos escolares de vez em quando.

Fonte: Pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2012), encomendada pela Fundação Pró-Livro e pelo Ibope Inteligência

dor. Em nome dos alunos e do próprio conhecimento, embarque no mundo dos livros, onde as aventuras acontecem. Uma vez encarada como prazer, a leitura deixa de ser peso e passa a fazer cócegas no cérebro. **PI**



Paracuru, o berço do criador

WIKICOMMONS

Na cidade banhada pelo mar nasceu o poeta e romancista Antônio Sales, fundador da Padaria Espiritual

Ele nasceu no século retrasado. Mas nem por isso seu legado é menos atual. Era o mês de São João quando veio ao mundo Antônio Sales, no dia 13 de junho de 1868, ano oficial da criação do município onde nasceu, Paracuru (a 87km de Fortaleza). A forte brisa vinda do oceano esverdeado do nosso Estado carregou a notícia do nascimento por entre as ruas e ruelas de areia do vilarejo praiano de Parazinho, em Paracuru.

A população desfrutaria por poucos anos da presença do pequeno que, aos 14 anos, par-

tiu para tentar a sorte na Capital. Hoje, mais de 150 anos depois, a cidade de origem do romancista e poeta é outra. Com quase 32 mil habitantes, de longe lembra a vila de pescadores à beira-mar do fim do século XIX. O que permanece o mesmo é a origem do nome: a língua tupi.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) levanta dois possíveis significados para o nome Paracuru: mar de cascalho ou rio de cascalho. Há controvérsias sobre a definição do termo “Para”, se corresponde a “mar” ou “rio”. O que se sabe é que “curu” significa “cascalho”. Para a Prefeitura de Paracuru, porém, o nome significa “lagarto do mar”.

Dizem os historiadores Rodolfo Espínola (em “Vicente Pinzón e a Descoberta do Brasil”) e Eduardo Bueno (“Náufragos, Traficantes e De-

gradados”), que Pinzón teria protagonizado a primeira batalha em terras brasileiras. Era o dia 29 de janeiro de 1500, quando europeus e índios paracuruenses (à época, conhecidos por tremembés) se confrontaram às margens do rio Curu, no município de Paracuru. A teoria dos estudiosos leva a crer que a cidade teria origem antes mesmo da descoberta do Brasil por Pedro Álvares Cabral.

Paracuru, protegida pela padroeira Nossa Senhora dos Remédios, é privilegiada por ser banhada pelas águas do Oceano Atlântico. A praia da Pedra Rachada é um exemplo de beleza local. Deserta e de mar tranquilo, é uma das mais procuradas pelos turistas como opção de lazer. A Praia da Pedra do Meio, Munguba e a Praia Carnaubinha (Hawaizinho) também são pontos turísticos muito frequentados. 

A invenção do sertão

Cenário do único romance do escritor Antônio Sales, Ipuçaba é um município inventado

Esta seção vai se permitir ficcionalizar o nosso Ceará. É assim: a cidade do romance do escritor Antônio Sales, “Aves de Arribação” (1914), é fictícia e se chama Ipuçaba. Mas por ser miúda e fundamentalmente sertaneja, onde a natureza incide com forte influência no comportamento dos nativos, poderia muito bem se passar por cidades do interior onde a pracinha em frente à igreja é o principal ponto de encontro de famílias, enamorados e animais. Ainda não entendeu? A gente explica.

A descrição do ambiente inventado, onde ipuçabenses reúnem-se em rodas para palear ao cair da tarde, remete à tradição de municípios interiores do sertão cearense: Tauá, Reriutaba, Iruçuba, Senador Pompeu, Monsenhor Tabosa, Tamboril, Nova Russas... Só para

citar alguns. Por isso, Ipuçaba é um pouco de todos eles, representando o sertão cearense no livro mais famoso do criador da Padaria Espiritual.

Considerado pela crítica como uma novela, o romance foi inicialmente publicado em folhetins no “Correio da Manhã”. É a principal obra do cearense Antônio Sales. Ipuçaba, o município-ícone das cidades do sertão do Estado, é por ele descrito a partir dos elementos da natureza. Uma das personagens principais do livro, a romântica Florzinha, chega a murchar como as flores do sertão após o inverno, por razões que, naturalmente, este texto não vai revelar.

Em determinado trecho do livro, por exemplo, Sales se alonga ao descrever espécies de pássaros específicos da nossa região. Pontua também referências climáticas, com evidente destaque para o calor abrasante das terras do sertão cearense. Assim, o romance é todo construído com base em detalhes de uma natureza universal, porém marcada pelas influências naturalistas no homem local.

Nos municípios do ser-



REPRODUÇÃO

tão do Ceará, a população também tem o costume de receber as “pessoas de fora” com festa, curiosidade, atenção. Assim aconteceu em Ipuçaba, quando o promotor Alípio Flávio de Campos chegou ao município. A entrada dele foi celebrada com a banda de música tocando a Marselhesa (hino nacional francês).

Assim, portanto, em “Aves de Arribação”, temos um Ceará pacato, pintado ora pelo bucolismo verde da fartura, ora pelo amarelo seco do sertão. O romance é regional, mas sua textura abrange traços universais, uma vez que se aplica a outros cotidianos de cidades sertanejas de qualquer interior, não apenas do Ceará. 

O LÍDER DA CLASSE

Diretor: Peter Werner



Desde os seis anos de idade Brad Cohen, o protagonista do filme, convive com a Síndrome de Tourette, um distúrbio neurológico que provoca tiques nervosos involuntários. Durante sua vida escolar e em casa, o menino teve de enfrentar desafios para ser compreendido e, mesmo assim, demonstrou extremo desejo de superação. Sua luta o levou a alcançar o lugar que desejava ocupar, a profissão de ser professor. Trata-se de uma história leve, interessante e muito bonita, baseada em fatos reais. Bom filme! E, se gostar, não esqueça de indicar para mais pessoas.

CONFESSO QUE VIVI

Pablo Neruda

“Confieso que he Vivido”, título original da obra-prima do poeta chileno Pablo Neruda, foi publicado pela primeira vez em 1974, logo após a morte do autor. No livro, ao longo das suas 340 páginas, Neruda compõe sua autobiografia através de memórias escritas durante a sua vida, ou seja, o livro foi escrito em um período longo, abarcando diversos momentos do escritor. Na obra, para além do poeta já reconhecido, Neruda se mostra um grande homem, apaixonado pelo seu país e extremamente patriota. Toda a riqueza de detalhes que constitui o livro, em prosa, só ressalta a grandiosidade do poeta, que se revela em minuciosidades e delicadezas. “Confesso que Vivi” é um estímulo a quem quer conhecer a poesia de Neruda.



REPRODUÇÃO

POEMAS, SONETOS E BALADAS

Vinicius de Moraes

Neste ano de 2013, comemoramos o centenário do alegre, doce e encantador Vinicius de Moraes, cujos escritos e canções são muito queridos por grande parte de brasileiros e estrangeiros. Com produções que abordavam sua vida amorosa, conselhos, política e outros temas, Vinicius eternizou-se como um grande poeta do período pós-moderno. O livro que indicamos nesta edição da Revista Pense! é considerado pelos críticos literários uma das obras mais importantes do poeta, trazendo em seu corpo poemas célebres, como os “Soneto da Fidelidade”, “Soneto de Separação”, “Poema de Natal”, dentre outros. Para os amantes da poesia, um prato cheio; para os que não possuem tanta familiaridade com o gênero, uma oportunidade boa para conhecê-lo.

ADIVINHE O AUTOR

“Um dia, casualmente, eu disse a um amigo que a guitarra, ou violão, era ‘a música em forma de mulher’. A frase o encantou e ele a andou espalhando como se ela constituísse o que os franceses chamam um mot d’esprit. Pesa-me ponderar que ela não quer ser nada disso; é, melhor, a pura verdade dos fatos.

O violão é não só a música (com todas as suas possibilidades orquestrais latentes) em forma de mulher, como, de todos os instrumentos musicais que se inspiram na forma feminina — viola, violino, bandolim, violoncelo, contrabaixo — o único que representa a mulher ideal: nem grande, nem pequena; de pescoço alongado, ombros redondos e suaves, cintura fina e ancas plenas; cultivada, mas sem jactância; relutante em exhibir-se, a não ser pela mão daquele a quem ama; atenta e obediente ao seu amado, mas sem perda de caráter e dignidade; e, na intimidade, terna, sábia e apaixonada. Há mulheres-violino, mulheres-violoncelo e até mulheres-contrabaixo.”

(Trecho do texto “Uma Mulher Chamada Guitarra”)

SONETO DO AMIGO

Enfim, depois de tanto erro passado
Tantas retaliações, tanto perigo
Eis que ressurgue noutro o velho amigo
Nunca perdido, sempre reencontrado.

É bom sentá-lo novamente ao lado
Com olhos que contêm o olhar antigo
Sempre comigo um pouco atribulado
E como sempre singular comigo.

Um bicho igual a mim, simples e humano
Sabendo se mover e comover
E a disfarçar com o meu próprio engano.

O amigo: um ser que a vida não explica
Que só se vai ao ver outro nascer
E o espelho de minha alma multiplica...

DICAS...

- 1- O autor dos textos acima nasceu em 1903 no Rio de Janeiro;
- 2- Além de ser conhecido por seu próprio nome, tinha o apelido carinhoso de “Poetinha”;
- 3- Casou-se nove vezes;
- 4- Sua obra é bastante vasta e plural, passando pelo teatro, literatura, cinema e música;
- 5- Além de trabalhos na área das artes, também era diplomata;
- 6- Seus principais parceiros foram Tom Jobim, Toquinho, João Gilberto e Baden Powell;
- 7- Compôs sucessos como “Água de Beber”, “Tarde em Itapoã” e “Samba da Bênção”;
- 8- Era conhecido por ter um comportamento boêmio, sempre circulando pelos bares cariocas e bebendo seu tradicional uísque;
- 9- Foi um dos principais participantes do movimento da Bossa Nova;
- 10- Faleceu em 1980, no Rio de Janeiro.



- Me dê um sinal!

ROB NATHALIA C. FORTE E REDA BORTOLUZZI

CONSULTORIA PEDAGÓGICA: LARA MACHADO

ASSISTENTE: RAFAEL VIANA

